



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física

ARLINDO ANTONIO BAIÃO JÚNIOR

JUDÔ PARALÍMPICO: ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA INICIAÇÃO ESPORTIVA

CAMPINAS

2019

ARLINDO ANTONIO BAIÃO JÚNIOR

JUDÔ PARALÍMPICO: ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA INICIAÇÃO ESPORTIVA

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física na Área de Atividade Física Adaptada.

Orientador: JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO ARLINDO
ANTONIO BAIÃO JÚNIOR E ORIENTADA
PELO PROF. DR. JOSÉ JULIO GAVIÃO DE
ALMEIDA

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

B149j Baião Júnior, Arlindo Antonio, 1991-
Judô paralímpico : atuação profissional na iniciação esportiva / Arlindo Antonio Baião Júnior. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: José Julio Gavião de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Judo. 2. Esporte paralímpico. 3. Deficiência visual. I. Almeida, José Julio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Paralympic judo : professional performance in sports initiation

Palavras-chave em inglês:

Judo

Paralympic sport

Visual impairment

Área de concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Mestre em Educação Física

Banca examinadora:

José Julio Gavião de Almeida [Orientador]

Edison Duarte

Marcelo Moreira Antunes

Data de defesa: 17-05-2019

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-3516-1803>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7720918690780989>

Comissão Examinadora

Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida
(FEF / UNICAMP)
Orientador

Prof. Dr. Edison Duarte
(FEF / UNICAMP)

Prof. Dr. Marcelo Moreira Antunes
(Universidade Federal Fluminense)

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

AGRADECIMENTOS

Uma coisa que aprendi nesses quase 20 anos nas artes marciais é que o caminho que a gente trilha é mais importante do que o destino em si. É no caminho que acerta, erra, aprende, fica feliz, fica triste, ganha experiência, amadurece e evolui. O que te faz ser um mestre por exemplo não é receber ou usar uma faixa preta, mas sim todo o caminho que você trilhou até chegar efetivamente na faixa preta. E agora encerrando essa minha jornada, venho aqui agradecer as pessoas que abrilhantaram e fizeram parte desse ciclo maravilhoso que foi o mestrado.

Para começar gostaria de deixar meu agradecimento a um grande professor e amigo que o Judô me deu, meu professor, o *sensei* Rodrigo Marino, que foi um dos principais incentivadores para que eu mesmo seguindo o caminho do esporte também trilhasse o caminho dos estudos. Sempre me apoiou e esteve ao meu lado em todos em momentos tanto bons quanto difíceis e se hoje estou concluindo esta etapa em minha vida, sem dúvidas, ele é um dos maiores responsáveis por isso.

Gostaria de agradecer também a Alba, Isis e Gê que foram meu principal alicerce na minha jornada acadêmica desde minha graduação em Educação Física na Faculdade de Jaguariúna, revisando meus trabalhos, celebrando, incentivando, participando de cada etapa e cada conquista, não teria chegado até aqui sem o apoio vocês.

Não poderia deixar de falar do maior presente que o mestrado me deu, meu orientador professor Gavião, o professor o acreditou em mim e me acompanhou durante toda essa jornada. Foi muito mais que um orientador, foi um amigo, um exemplo de profissional e de ser humano. Pessoas como você fazem diferença, vou levar cada momento que passei no meu coração e antes que me esqueça te amo Gav.

Por fim agradeço ao CNPq (130903/2017-5) pelo apoio que possibilitou essa pesquisa, ao International Paralympic Committee – IPC e a Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais – CBDV que autorizaram a sua realização e aos professores Jaime, Garcia, Roger, Caio e Tibério por todo apoio e suporte durante os eventos que foram base para esse trabalho.

Gostaria de deixar um agradecimento especial a todos os professores que tive até aqui, pelos seus ensinamentos que colhi, a todos meus alunos que me dão a confiança e a honra de poder ensinar e aprender diariamente e a todos os amigos e familiares que me apoiaram e fizeram parte desse sonho!

Muito obrigado a todos!

“Life is a journey, not a destination”

Aerosmith

RESUMO

O judô é uma das modalidades inclusas nos jogos paralímpicos e vem mostrando grande crescimento no Brasil em resultados e em número de praticantes. No entanto, as atuais práticas de aprendizado e sua influência no envolvimento e permanência do praticante no esporte ainda são pouco abordadas na pesquisa científica. O objetivo desse estudo foi realizar um levantamento sobre a atuação profissional de treinadores de judô paralímpicos de diferentes países das Américas e Europa no processo de iniciação esportiva com crianças, jovens e adultos. Esta pesquisa de caráter quantitativa utilizou do método survey com escala likert de 5 pontos para mapear o tempo de experiência como treinador, formação acadêmica, atuação profissional e materiais utilizados por esses treinadores de referência. As questões sobre a atuação profissional foram divididas em dois grupos: tradicional e inovador. Essa investigação contou com a participação de 20 treinadores de judô paralímpico de 11 países das Américas (Brasil, Argentina, Colômbia, México, Chile, Honduras, Estados Unidos, Canada, Porto Rico) e Europa (Grã-Bretanha e França) que participaram dos Jogos Parapan Americanos de Jovens – São Paulo 2017, American Judo Championships IBSA – São Paulo 2017 e Gran Prix Internacional de Judô Paralímpico – São Paulo 2017. Todos os treinadores possuem curso superior sendo em sua maioria em Educação Física ou similar 70% (14). Os materiais utilizados citados pelos treinadores foram: cordas (25%) bolas (23,3%), panos (11,6%), balões (10%), arcos (10%), pregadores (6,6%), cordas elásticas (5%), halteres (1,6%), cones (1,6%), faixas (1,6%), meias (1,6%) e mascaras (1,6%). A partir da análise estatística no programa SPSS, foi realizado o teste de Wilcoxon, mediana e moda, revelando diferença significativa ($p < 0.05$) entre as respostas de ambas as categorias, revelando que todos os treinadores participantes mesclam em sua atuação profissional aspectos relacionados a categoria tradicional e inovadora, porém com maior ênfase nos aspectos inovadores. Já a partir do teste de Mann-Whitney não foi encontrada relação significativa ($p > 0.05$) entre a formação acadêmica, tempo de experiência como treinador de judô e judô paralímpico com as respostas das duas categorias. As questões com o maior percentual (75%+) de número 5 (extremamente) na escala likert entre os treinadores foram: a utilização do tato e comunicação verbal para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual; a importância de sempre buscar novas estratégias de ensino e a importância em manter a tradição do ensino do judô para os alunos com deficiência visual. Acreditamos que os resultados desta pesquisa tragam novas perspectivas, baseada em treinadores de referência da modalidade, aos futuros treinadores de judô paralímpico, possibilitando novas abordagens e práticas profissionais.

Palavras Chaves: Judô; Esporte Paralímpico; Deficiência Visual.

ABSTRACT

Judo is one of the sports included in the Paralympic Games and has increased significantly in Brazil with great positive results and in number of practitioners. However, the current learning practices and their influence on practitioner's engagement and permanence in the sport are still poorly addressed in scientific research. The objective of this research was to investigate the professional performance in coaching practices of Paralympic judo in different countries of the Americas and Europe, and how these practices influence sports initiation with children, youth and adults. This quantitative research used the survey method with 5 points Likert scale to map information such as: time of experience as coaches, formal academic training, professional performance and materials used by these reference coaches. The questions about professional performance were divided into two categories: traditional and innovator. This research was answered by 20 Paralympic judo coaches from 11 countries in the Americas (Brazil, Argentina, Colombia, Mexico, Chile, Honduras, United States, Canada, Puerto Rico) and Europe (Great Britain and France) during the American Youth Parapan Games - Sao Paulo 2017, American Judo Championships IBSA - São Paulo 2017 and the Gran Prix Internacional de Paralympic Judo - São Paulo 2017. All the coaches declared to possess undergraduate degrees, mostly in Physical Education or similar 70% (14). The materials used by the coaches were: ropes (25%), balls (23,3%), cloth pieces (11,6%), balloons (10%), hula hoops (10%), cloth fasteners (6,6%), therabands (5%), dumbbells (1,6%), cones (1,6%), bands(1,6%), socks (1,6%) and masks (1,6%). The analyses were conducted in the SPSS program. As results of the Wilcoxon test there were significant differences ($p < 0.05$) between the answers of both categories (traditional and innovator), what lead to the understanding that all the participating coaches, despite merging aspects of the traditional and innovative category in their professional work, had greater emphasis in innovator aspects. The results from the Mann-Whitney test showed no significant relationship ($p > 0.05$) between academic degree, experience as a judo coach, and Paralympic judo with the answers of the two categories. Questions with the highest percentage (75% +) of score 5 (extremely) on Likert scale among the coaches were: the use of sensorial touch and verbal communication to assist the teaching process for students with visual impairment; the importance to always seek new teaching strategies and maintaining the judo teaching tradition for students with visual impairments. We believe that the result of this research brings a new perspective, based on the successful coaches of reference of this sport modality, to the future trainers of Paralympic judo, favoring new approaches and professional practices.

Key words: Judo; Paralympic Sports; Visual Impairment.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mecanismos de informação.....	24
Quadro 2 - Países e treinadores presentes no estudo.....	29
Quadro 3 - Formação acadêmica dos treinadores.....	29
Quadro 4 - Respostas das questões da categoria inovadora.....	31
Quadro 5 - Respostas das questões da categoria tradicional.....	31
Quadro 6 - Materiais mais utilizados pelos treinadores em suas aulas.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBDV – Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais

IBSA – International Blind Sports Federation

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

AV – Acuidade visual

DV – Deficiência visual

LogMAR - Logaritmo do ângulo mínimo da resolução

TERMOS UTILIZADOS EM JAPONÊS

Jita kyoei - Princípio da prosperidade e benefícios mútuos

Seiryoku zenyo - Princípio do uso mais eficaz da energia mental e física

Ju yoko go o seisu - Princípio da suavidade (o suave controla o duro)

Do - Caminho

Jutsu - Técnica

Ippon - Pontuação máxima no Judô

Wazari - Pontuação menor no Judô (2 Wazaris equivalem a 1 Ippon)

Kumikata - Pegada

Shido - Falta

Ao - Termo utilizado para atribuir o ponto ou falta ao atleta de Judogi azul

Shiro - Termo utilizado para atribuir o ponto ou falta ao atleta de Judogi branco

Jogai - Termo utilizado para alertar os atletas que estão saindo da área de combate

Judogi - Uniforme utilizado no Judô

Hansokumake - Penalidade máxima que desclassifica o atleta da competição

Dojo - Local onde se pratica judô

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Objetivo Geral.....	13
1.2 Objetivos Específicos.....	13
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1 Judô Paralímpico.....	13
2.2 Pedagogia do Esporte adaptado.....	18
2.4 Competências do treinador e atuação profissional.....	21
3. METODO.....	26
3.1 Instrumento.....	26
3.2 Considerações éticas.....	28
3.3 Procedimento para coleta de dados.....	28
3.4 Caracterização da amostra.....	28
3.5 Análise dos dados.....	30
4. RESULTADOS.....	30
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7. REFERÊNCIAS.....	40
Anexo I – Autorização: International Paralympic Committee.....	43
Anexo II – Autorização: Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais.....	45
Anexo III – Parecer consubstanciado do CEP.....	46
Anexo IV – Questionário.....	57

JUDÔ PARALÍMPICO: ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA INICIAÇÃO ESPORTIVA

1. INTRODUÇÃO

As lutas¹ fazem parte da cultura corporal do movimento, sendo uma das manifestações elementares e mais antigas da história da humanidade, inicialmente vivenciadas pela necessidade de sobrevivência (RUFINO; DARIDO, 2011). Com o passar do tempo foram sistematizadas e regulamentadas, levando a uma transformação em suas formas de manifestação, de acordo com a sociedade e cultura nas quais vieram se inserir.

Destacamos em nosso estudo, o judô, que foi criado em 1882 no Japão por Jigoro Kano. Kano (2008), relata que em sua juventude praticou ²jujutsu, e dentro de sua prática, percebeu que alguns fatores que poderiam ser melhorados com relação à educação física, moral e intelectual da modalidade. A partir disto iniciou seus estudos com objetivo de aprimorar estes fatores. No trecho a seguir Kano relata o caminho que seguiu na busca de aprimorar o jujutsu que era praticado na época, até desenvolver seu próprio método de ensino que batizou de judô.

Eu fiz isso pesquisando tanto quanto possível o jujutsu que até então existia, mantendo o que no meu entender, valia a pena manter e descartando o restante, estudando profundamente as técnicas e teorias e reformulando-as de uma maneira que fosse aplicável para a sociedade atual (KANO, 2008, p.19).

Ainda segundo Kano (2008), a escolha de mudança do termo jujutsu para judô, se deu pelo motivo do foco principal do judô que é ensinar o “do” (caminho), através de uma educação de corpo, mente e espírito, enquanto o “jutsu” (técnica) é algo secundário dentro deste objetivo.

Poucos anos após sua criação, o judô, se tornou a principal modalidade japonesa, sendo inserida nos Jogos Olímpicos em 1964. Em 1988, o judô fez sua estreia nos Jogos Paralímpicos de Seul, na Coreia do Sul, apresentando uma nova possibilidade de modalidade esportiva para pessoas deficientes visuais. Desde então, houve grande crescimento dessa modalidade no Brasil, tanto em resultados quanto em número de praticantes; no entanto, apesar do Judô ser uma modalidade extremamente difundida no mundo, o Judô Paralímpico ainda é pouco explorado no ambiente científico.

¹ Atualmente ainda não há um consenso terminológico sobre qual o termo é o mais adequado para abranger tudo o que existe no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate (CORREIA; FRANCHINI, 2010), portanto escolhemos o termo lutas pelo fato de ser o termo mais utilizado atualmente na literatura brasileira.

² Jujutsu: Termo que era utilizado para englobar vários tipos técnicas de ataque e de defesa e estilos de artes marciais, as quais eram praticadas desarmado ou com armas curtas (KANO, 2008).

Com a escassez de estudos científicos específicos na área, surge a necessidade de aprofundamento dessa temática a partir de nova reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, assim como sobre a necessidade de se discutir e elaborar novas propostas de possibilidades de ensino.

Partindo desse ponto, a proposta desta pesquisa foi obter maior compreensão de como essa modalidade é praticada, considerando as estratégias pedagógicas utilizadas neste processo de ensino-aprendizagem, a partir do mapeamento de treinadores³ de referência, de países das Américas e Europa. A partir dessas premissas, desejamos responder os seguintes questionamentos: 1. Que estratégias de ensino são utilizadas na atuação profissional dos treinadores de referência das Américas e Europa no judô paralímpico? 2. Quais materiais (bolas, cordas, panos, entre outros) utilizam em sua atuação profissional? 3. Qual a formação acadêmica e experiência desses treinadores? 4. Existe relação entre a formação acadêmica e experiência desses treinadores com as estratégias de ensino adotadas? Para a coleta de dados foram escolhidas três competições internacionais: os Jogos Parapan-Americanos de Jovens – São Paulo 2017, American Championships IBSA – São Paulo 2017 e Gran Prix Internacional de Judô Paralímpico – São Paulo 2017. Essa escolha justificou-se pela possibilidade do contato com os treinadores de Judô Paralímpico de vários países trazendo uma compreensão mais abrangente, rica e norteadora sobre a modalidade.

1.1 Objetivo geral

Compreender as estratégias de ensino relacionadas à iniciação esportiva utilizada pelos treinadores de referência no judô paralímpico de diferentes países das Américas e Europa.

1.2 Objetivo específico

Realizar um mapeamento das estratégias de ensino, materiais utilizados na prática profissional, assim como a formação acadêmica e tempo de experiência na modalidade desses treinadores.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Judô Paralímpico

O Judô foi desenvolvido no Japão pelo mestre Jigoro Kano no final do século XIX. Jigoro Kano relata ter estudado alguns estilos jujutsu desde a sua juventude, sob o comando de vários mestres eminentes. Naquela época, cada mestre apresentava seu estilo como uma coleção de técnicas, porém, muitas vezes essas técnicas também eram apresentadas em outros estilos de

³ Optamos pela utilização do termo treinador ao invés de professor ou técnico, pelo fato deste ser o termo utilizado internacionalmente para se referir a quem trabalha com ensino de modalidades esportivas, levando em consideração que esta pesquisa foi realizada com treinadores de 11 países diferentes.

jujútsu, só que de forma diferente o que levava o aprendiz a ficar confuso sobre qual a maneira correta ou mais eficaz de aplica-las. Isso o levou, após estudo minucioso sobre o assunto, a discernir um princípio norteador: fazer o uso da "energia mental e física" da forma mais eficiente. Novamente ele revisou todos os métodos de ataque e defesa que havia aprendido, retendo apenas aqueles que estavam de acordo com o princípio estabelecido (KANO, 1986).

O princípio que norteava alguns estilos de jujutsu antigos era o *ju yoko go o seisu* (o suave controla o duro), esse princípio que tinha como premissa o ceder para vencer, Kano (2008), exemplifica esta teoria da seguinte forma: imagine que meu adversário tenha uma força de nível 10 em uma escala de 1 a 10 enquanto eu tenho uma força de nível 7 nesta escala. Se meu oponente me empurrar com toda sua força e eu tentar resistir eu serei vencido. Entretanto, se eu me afastar ao invés de resistir ao meu oponente, este se desequilibrará para frente pela força própria força de seu ataque, nesse momento de desequilíbrio seu nível de força será apenas 3 e eu com meu nível de força 7 poderei derrotá-lo. Essa teoria permite que oponentes mais fracos vençam outros muito mais fortes. Porém Jigoro Kano observou que essa teoria não se aplicava em todas as situações, por exemplo, se o oponente mais forte não tentar te empurrar, você conseqüentemente não terá a oportunidade de afastar-se para fazê-lo perder o equilíbrio. Então a partir de seus estudos desenvolveu um dos princípios que nortearam a criação e desenvolvimento do judô, o *seiryoku zenyo* ou princípio da máxima eficiência. Este princípio refere-se à utilização da energia mental e física da maneira mais eficiente possível para alcançar o resultado desejado. Na exemplificação acima, porém, a partir do princípio *seiryoku zenyo*, se o adversário investir contra você com toda sua força e a solução mais eficaz for “ceder” afastando-se para gerar um desequilíbrio este será o *seiryoku zenyo*, entretanto, se o adversário não tentar te empurrar não criando a possibilidade de você “ceder”, você pode criar o desequilíbrio segurando-o, empurrando-o e puxando-o enquanto se movimenta, para assim, poder vencê-lo.

Em resumo *seiryoku zenyo* é o princípio de se adaptar a qualquer problema, buscando sempre o melhor caminho para resolver qualquer situação, com menor desgaste físico e mental possível. Kano (2008), afirma que este princípio não se restringe apenas a prática do judô dentro de um *dojo*⁴, mas também, pode transcender a modalidade para o dia-a-dia dos praticantes. Como exemplo de aplicação do *seiryoku zenyo* no cotidiano o autor cita o caso de pessoas que realizam um grande número de atividades, se não souberem canalizar sua dedicação

⁴ Dojo: Termo que vem da tradição budista e significa a sala de treinamento tanto da mente quanto do corpo. Em outras palavras local onde se pratica judô (WATSON, 2008).

nas atividades que são realmente importantes, acabarão desperdiçando toda sua energia em afazeres secundários não tão importantes. Outro exemplo comum do dia-a-dia citado pelo autor é o hábito de reclamar, que desperdiça nossa energia que poderia estar sendo utilizada para algo efetivamente útil. O indivíduo que se desprende de sentimentos ruins e evita guardar rancor acaba utilizando melhor sua energia, melhorando não somente sua vida, mas também a sociedade no qual faz parte.

Continuando seus estudos Jigoro Kano concluiu que individualmente, o *seiryoku zenyo*, pode ser aplicado em todos os aspectos da vida social sem problema algum, porém, e no caso de grupos de duas ou mais pessoas, na qual, cada uma utilizar este princípio pensando somente nos próprios benefícios sem levar em consideração o restante do grupo? Nesta situação podem surgir atitudes egoístas, levando-os à conflitos, o que conseqüentemente seria prejudicial a todos do grupo. Pensando nisso Kano (2008), percebeu que o princípio *seiryoku zenyo* neste contexto deveria ser aplicado de uma maneira diferente, não só focando em atender os objetivos do indivíduo, mas também, levando em consideração as necessidades e circunstâncias dos demais membros do grupo. Utilizando-o desta forma as pessoas além de evitarem conflitos poderão se ajudar mutuamente, na qual, as virtudes e pontos fortes de cada um podem se complementar, reforçando a harmonia e gerando ganhos para todos. Jigoro Kano denominou esta forma social de utilização do *seiryoku zenyo* de *jita kyoei*, que significa prosperidade mútua por meio da assistência e concessão mútua. E a partir de então definiu o *seiryoku zenyo* e o *jita kyoei* como os princípios que norteiam a prática do judô tanto dentro quanto fora do *dojo*.

Além destes princípios, a essência do judô está baseada na virtude da humildade, que sustenta todas as demais, visando à construção de condutas de respeito ao outro e a si próprio, não se limitando ao simples aprendizado de técnicas, mas na busca, acima de tudo, de perpetuar os bons exemplos ensinados no *dojo* (CASTRO *et al.*, 2009).

Jigoro Kano como estudioso universitário e com respaldo político, passou a viajar diplomaticamente pelo mundo, apresentando e difundindo o judô (BREDA *et al.*, 2010), que se consagrou como primeiro Esporte olímpico oriental incluído nos Jogos Olímpicos tendo sua primeira participação nos Jogos de Tóquio em 196, só que com caráter demonstrativo. Já em 1972 nos Jogos de Munique o Esporte entra oficialmente na agenda olímpica, porém, somente para homens. O feminino é incluído nos Jogos de Barcelona em 1992 (COB, 2016). Como modalidade paralímpica, o judô fez sua estreia nos Jogos de Seul em 1988, sendo que a participação de mulheres somente ocorreu em 2004 nos Jogos de Atenas (CBDV, 2016).

Segundo Harnisch, Ortega e Almeida (2016), eventos e organizações têm possibilitado cada vez mais, a prática das lutas para pessoas com deficiência, como exemplo o judô, caratê, taekwon-do e o wrestling estilo free style e greco-romano. O judô como modalidade paralímpica admite a participação apenas de deficientes visuais atualmente, para outros tipos de deficiência ainda não há uma categoria ou evento específico com as adaptações necessárias.

Apesar de existirem algumas modificações nas regras do judô paralímpico Cerqueira, Gomes e Almeida (2012), citam que praticamente não há diferença ao observar uma luta de judô olímpico e paralímpico, depois que os atletas já efetuaram a pegada. Existem apenas algumas adaptações visando a igualdade e segurança dos atletas durante a competição.

No judô paralímpico, somente atletas com DV (deficiência visual) competem englobando desde cegos totais até pessoas com baixa visão. Para saber se são elegíveis a competir no judô paralímpico esses atletas são classificados de acordo com a capacidade visual (inclui essencialmente a acuidade e o campo visual que possuem), sendo considerado o melhor olho e com a melhor correção (HARNISCH; ORTEGA; ALMEIDA, 2016).

A classificação é fundamentada através da tabela de LogMAR⁵ que é usada para aferir a acuidade visual do indivíduo (AV). O termo LogMAR é derivado do logaritmo do Ângulo Mínimo da Resolução, no qual as dimensões das letras aumentam sistematicamente em progressão geométrica. O tamanho de letra de cada linha é designado como o logaritmo de base 10 da acuidade visual decimal, para que a linha 6/6 (ou 20/20) seja 0,00 LogMAR e a linha 6/60 (ou 20/200) seja 1.0 LogMAR. Nessa tabela, o espaço entre as linhas e as letras varia de forma proporcional, e a quantidade de cinco letras por linha é padronizada para uma amostragem mais consistente da acuidade entre as linhas (IBSA, 2016). Dentro dessa tabela os atletas são classificados em 3 categorias:

-B1: atletas que apresentam a acuidade visual com LogMAR menor que 2,60;

-B2: atletas que apresentam a acuidade visual com LogMAR variando entre 1,50 e 2,60 e/ou campo de visão menor ou igual a 10 graus;

-B3: atletas que apresentam a acuidade visual com o LogMAR variando entre 1,40 e 1,0 e/ou campo visual com menor que 40 graus (HARNISCH; ORTEGA; ALMEIDA, 2016).

⁵ A tabela de LogMAR é usada para aferir a acuidade visual do indivíduo (AV). o termo LogMAR é derivado do logaritmo do Ângulo Mínimo da Resolução, no qual as dimensões das letras aumentam sistematicamente em progressão geométrica. O tamanho de letra de cada linha é designado como o logaritmo de base 10 da acuidade visual decimal, para que a linha 6/6 (ou 20/20) seja 0,00 LogMAR e a linha 6/60 (ou 20/200) seja 1.0 LogMAR. Nessa tabela, o espaço entre as linhas e as letras varia de forma proporcional, e a quantidade de cinco letras por linha é padronizada para uma amostragem mais consistente da acuidade entre as linhas (IBSA, 2016).

Segundo Cerqueira, Gomes e Almeida (2012) os atletas paralímpicos são divididos por categorias de peso, idade e sexo o qual segue o mesmo padrão do judô olímpico, porém não existe uma divisão entre os atletas B1, B2 e B3, o que significa que atletas com baixa visão podem competir com atletas cegos que durante a competição podem lutar entre si.

Além dessa classificação visual existe também adaptações nas regras de competições do judô olímpico para o paralímpico com intuito de adequar a modalidade aos praticantes com deficiência visual. Segundo a IBSA (2018) as principais adaptações são:

- Os atletas da categoria B1 possuem um círculo vermelho na manga do *judogi* (uniforme). Essa adaptação serve para os árbitros identificarem os atletas totalmente cegos para que em caso de separação eles possam direcionar os atletas em relação a orientação espacial pertinente às regras e suas demandas.
- Os atletas iniciam o combate com o *kumikata* (pegada) na gola e manga do *judogi*, devidamente orientados pelo árbitro para que não haja diferença ou desvantagem entre ambos. Se algum dos atletas modificarem a pegada antes do início do combate será punido com uma falta (*shido*).
- Quando houver pontuação além do gesto tradicionalmente feito com o braço e a verbalização do ponto (*wazari* ou *ippon*) o arbitro acrescentara as palavras “*shiro*” caso o ponto for para o atleta de *judogi* branco ou “*ao*” caso o ponto for para o atleta de *judogi* azul. Essa adaptação serve para orientar os atletas de quem marcou o ponto uma vez que em muitos casos há situações
- Durante o combate se o atleta solta uma das pegada para realizar um ataque imediato é valido, porém se caso solte para fugir sem atacar recebera falta.
- Se um dos atletas tocar a perna do adversário será punido com uma falta com exceção dos atletas da categoria B1 caso seja um contato acidental se protegendo ou se desequilibrando.
- Caso os atletas comecem a caminhar para fora da área de combate o árbitro se posicionara no centro da área e dirá alto e repetidamente a palavra “*jogai*” para alertar os atletas que estão saindo da área e onde é o centro da mesma. Se os atletas mesmo após o comando continuarem saindo ambos serão punidos. Normalmente os atletas B1 não são punidos, porém se o árbitro perceber que ele está saindo de propósito poderá aplicar a penalidade sim.

- Se o atleta também possuir deficiência auditiva receberá um círculo amarelo na manga do *judogi* e os comandos serão adaptados da seguinte forma: para iniciar o combate o árbitro deve tocar uma vez em seu ombro, para parar o combate deve tocar duas vezes.
- Caso haja pontuação o árbitro deve simbolizá-la na palma da mão do atleta com deficiência auditiva com seu dedo fazendo um “I” em caso de *ippon*, “W” em caso de *wazari* e “X” em caso cancelamento da pontuação.
- As faltas são simbolizadas no dorso na mão utilizando um dedo na primeira, dois dedos na segunda e em caso de receber a terceira o será desclassificado (*hansokumake*) que deve ser simbolizado na palma da mão fazendo a letra “H”

O objetivo destas adaptações é possibilitar que atleta com deficiência visual principalmente os da categoria B1 possam praticar o judô de forma segura e adaptada à sua deficiência, respeitando os princípios e especificidades dessa modalidade.

Por fim concordamos com Harnisch, Ortega e Almeida (2016), quando citam que o judô é uma modalidade que, se bem orientada, através de uma prática profissional que leve em consideração a sua especificidade, assim como a individualidade de seus diferentes personagens, com seus objetivos e perspectivas, pode trazer benefícios que transcendem o tatame, principalmente para os praticantes com deficiência.

2.2 Pedagogia do Esporte adaptado

Segundo Paes (2006) o Esporte é um dos fenômenos socioculturais mais importantes da atualidade, caracterizado principalmente por sua pluralidade a partir de seus novos significados, demandas e manifestações. Ainda segundo o autor, o Esporte contemporâneo, está em um processo de evolução, na qual várias áreas do conhecimento têm contribuído, como por exemplo, a engenharia no desenvolvimento de espaços físicos e aparelhos cientificamente mais adequados, a fisiologia nas avaliações, prescrições e acompanhamento dos praticantes com maior embasamento científico, a medicina com diagnósticos e intervenções mais precisas, entre outras. Dentre as várias áreas da ciência que estudam o Esporte destacamos a pedagogia, que contribui principalmente em repensar os meios e estratégias de ensinar o Esporte para seus personagens em suas diferentes demandas e contextos. Paes (2006), destaca que a pedagogia está presente desde a iniciação até o treinamento esportivo, tanto na educação formal quanto na educação não formal, permeando todos em segmentos da sociedade.

A partir deste processo de evolução do Esporte Paes (2006), destaca que a área da pedagogia deve ter seu foco principal em quem pratica o Esporte, estimulando-o, a identificar

e resolver problemas assim como criar novos gestos e estratégias. No Esporte adaptado não é diferente, porém, para pensar em novas abordagens para este público, temos que, levar em consideração a especificidade de sua deficiência, além de todos os outros aspectos, presentes no Esporte convencional.

Duarte e Lima (2003), afirmam que para adaptar o Esporte ou atividade física é necessário conhecer o aluno em sua singularidade e as deficiências que possui: se foi adquirida ou congênita, se adquirida a idade do acometimento, se é progressiva ou não, se a família incentiva o aluno a praticar atividades físicas e se o meio está adaptado para ele. Segundo Oliveira Filho e Almeida (2005) quando recebemos uma informação visual essa mesma é analisada baseada em nossas próprias experiências, portanto, o significado dessa informação recebida tem um valor único e exclusivo devido a sua interpretação. Ainda segundo os autores, no caso de uma pessoa, que devido a uma patologia ou acidente, acaba perdendo a visão, quando esta recebe uma informação, ela analisa a “nova” informação a partir de suas lembranças, de seu mapa mental que foi construído antes de adquirir a deficiência.

No caso de uma pessoa que nasce com a deficiência, esse processo é diferente, uma vez que a mesma não terá essa experiência anterior à perda de visão para lhe auxiliar. Ainda é preciso considerar, nos dois casos, a experiência motora da pessoa com deficiência visual, tanto se esta for congênita ou adquirida. Segundo Oliveira Filho e Almeida (2005), em sua construção mental de mundo, a pessoa com deficiência visual deverá adaptar-se sem a visão de um mundo onde a maior parte das informações são transmitidas de forma visual. Todas essas variáveis, que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, mostram a necessidade de uma intervenção específica por profissionais capacitados, que dominem não só as teorias e características específicas do Esporte, mas também, compreendam como adaptar e propiciar um ambiente de aprendizado dando todo o suporte necessário para a prática de pessoas com deficiência (OLIVEIRA FILHO; ALMEIDA, 2005).

Outro fator importante mencionado por Oliveira Filho e Almeida (2005), são os ambientes esportivos, no qual, poucos propiciam a inclusão dos menos habilidosos, devido ao fato de o Esporte ainda ser visto, erroneamente, como exclusividade dos mais habilidosos e preparados (atletas). Quando colocamos uma pessoa com deficiência nesse processo, normalmente ela será, excluída, com raras exceções. Também é importante ser considerada as relações entre o grupo, que pode possibilitar ou não a inclusão do colega com deficiência visual na aula, podendo não respeitar as adaptações ou simplesmente ignorá-lo dentro do processo (OLIVEIRA FILHO; ALMEIDA, 2005).

A partir desses aspectos surge a necessidade de criar novas abordagens de ensino que contemplem essa população levando em consideração sua especificidade. Patrocínio *et al.* (2008), enxergam as estratégias de ensino e aprendizagem como ato de criar situações relacionadas ao conteúdo e objetivos almejados. Para isso, o treinador deve utilizar diversos recursos para adaptar a modalidade às necessidades do praticante. Dentre esses recursos destacamos o conhecimento sobre a deficiência, conhecimento específico da modalidade, individualidade e objetivos dos alunos. É papel do treinador mediar essas variáveis para criar um ambiente saudável e propício ao aprendizado.

Segundo Drigo *et al.* (2011), a atuação profissional no ensino tradicional do judô se dá principalmente através da reprodução técnica, em que as técnicas são, por muitas vezes fragmentadas e o aprendizado se dá através da reprodução automatizada. Nessa abordagem de ensino é possível analisar e corrigir detalhes técnicos, porém, por ser uma prática automatizada e descontextualizada acaba sendo monótono e pouco desafiador inibindo a criatividade, resolução de problemas, união entre técnica e estratégia e inteligência de jogo. A ideia é que o aluno aprenda a técnica de forma isolada e consiga aplicada dentro do combate onde há inúmeras outras variáveis que não estão presentes neste tipo de prática. Gomes *et al.* (2013), citam em seu trabalho o fator da preocupação dos treinadores com o refinamento técnico de seus alunos, para prepará-los para competições com foco principal em resultados, porém, é importante ressaltar que nem todos que iniciam na modalidade tem como objetivo ou vão se tornar atletas competidores. Acreditamos que o treinador é fundamental nesse processo, não se limitando apenas a ensinar e refinar o gesto técnico voltado para competições, mas sim buscar uma formação global do aluno, trabalhando valores, incentivando-os a refletirem sobre a prática na modalidade, assim como, questões presentes em seu cotidiano. Em sua atuação profissional não negar ou repudiar as competições, mas sim compreender seu papel dentro do Esporte assim como as demais manifestações.

No judô uma característica muito marcante relacionada ao ensino de forma tradicional, que é relacionado principalmente aos princípios metodológicos analítico-sintéticos que segundo Ferreira, Galatti e Paes (2005) é uma abordagem que foca na reprodução e repetição de tarefas com intuito de realizar um aprimoramento técnico para posterior melhora em competições. Esse tipo de prática muitas vezes acaba excluindo os alunos que não se enquadram no padrão técnico que é imposto, o que conseqüentemente acaba dificultando a prática por pessoas com deficiência. Antunes *et al.* (2017), citam que como consequência dessa prática é muito comum as pessoas com deficiência serem induzidas a acreditar que não são

capazes de praticar lutas. Ainda segundo os autores, para buscarmos soluções para essa percepção equivocada, é necessário elaborar novas propostas de ensino centradas no ser humano de forma global, não se restringindo a somente o ensino de questões técnicas, táticas ou físicas específicas. A partir desta perspectiva é possível trabalhar com várias modalidades levando em consideração seus diferentes personagens. Além disso, podemos considerar também os diferentes cenários possíveis como clubes, academias, escolas, parques, associações, entre outros, desta forma devemos levar em consideração todos os objetivos e significados do Esporte desde a iniciação até o alto rendimento (ANTUNES *et al.*, 2017).

Atualmente existem métodos e abordagens de ensino que vão para além do tradicional analítico-sintético, que focam num ensino mais contextualizado e dinâmico da modalidade. Um exemplo são os princípios metodológicos globais-funcionais que segundo Ferreira, Galatti e Paes (2005) estão relacionados ao ensino através de jogos e situações problemas, em que as questões técnicas e táticas são trabalhadas de forma simultânea e a complexidade dos jogos são adaptadas ao nível de compreensão e habilidade dos alunos. Mesmo com a evolução relacionada à pedagogia do Esporte, ainda não existe um método perfeito que contemple todas as vertentes e possibilidades que o Esporte proporciona. Portanto, concordamos com Rufino e Darido (2012) que afirmam que buscar o equilíbrio entre a tradição e a modernidade e entre a prática transformadora e as formas culturalmente presentes, são muito importantes para que novas propostas sejam alcançadas.

Segundo Oliveira Filho e Almeida (2005) existem várias restrições para a prática esportiva para pessoas deficientes visuais, no entanto duas são as mais comuns: ao procurar uma atividade, a pessoa com deficiência visual normalmente encontra um treinador que domina apenas as características específicas da modalidade, e não as especificidades da deficiência, com isso, o treinador acaba por não conseguir realizar as adaptações necessárias em seu método de ensino e, conseqüentemente, não atingindo o possível potencial de seu aluno. Ainda segundo os autores, o outro caso está presente nas instituições de atendimento às pessoas com deficiência, onde é comum encontrarmos treinadores que compreendem as especificidades da deficiência, porém, não dominam as modalidades esportivas o bastante a ponto de possibilitar o aprimoramento técnico e tático dos seus alunos. Em ambos os casos a pessoa com deficiência não consegue encontrar um ambiente pedagogicamente rico e adequado às suas necessidades.

2.4 Competências do treinador e atuação profissional

O treinador é a peça chave no processo de mediação entre os aspectos tradicionais ligados as lutas e a busca por novos métodos de ensino que contemplem as demandas de nossa

sociedade moderna, assim como, os personagens inseridos nela. Trudel, Gibert e Rodrigue (2016) classificam a atuação do treinador em quatro estágios progressivos: novato, competente, supercompetente e inovador. O novato é caracterizado por aquele treinador que está iniciando sua carreira; o treinador competente é aquele que reproduz a maneira que lhe foi ensinado; o supercompetente é o treinador que, baseado no seu conhecimento e habilidades, desenvolve seu próprio estilo de ensinar; por fim, o treinador inovador é aquele que, na medida em que vai se sentindo mais confiante, começa a repensar a maneira que as coisas são realizadas criando novos meios e alternativas de ensino. Ainda segundo os autores, o principal fator influenciador na progressão dos treinadores do estágio novato até o inovador é a “reflexão deliberada” que, nada mais é que a reflexão sobre sua própria prática em busca de maximizar as oportunidades de ensino.

Apesar da reflexão deliberada ser um ato individual, ela é estimulada a partir da discussão com outras pessoas, por exemplo, em uma equipe de alto rendimento a interação do treinador com a equipe multidisciplinar (fisiologista, nutricionista, fisioterapeuta, psicólogo, entre outros) favorece esse tipo de reflexão. Porém, vale ressaltar que esse processo de evolução do treinador para se tornar inovador, exige que o treinador saia da sua zona de conforto e que muitas vezes quebre paradigmas que podem estar enraizados na modalidade, refletindo sobre sua atuação e criando novas alternativas para ensinar. Portanto, para a jornada dos treinadores até o estágio inovador é fundamental que haja um ambiente de aprendizado onde todos os atores envolvidos trabalhem de forma integrada e se sintam reconhecidos como contribuintes do objetivo principal, que é auxiliar os atletas a atingirem seu pleno potencial (TRUDEL; GILBERT; RODRIGUE, 2016).

Côté e Gilbert (2009) dividem as competências de um treinador eficiente em três áreas: conhecimentos do treinador (conhecimento profissional, conhecimento interpessoal e conhecimento intrapessoal), resultados dos atletas (competência, confiança, conexão e caráter) e contextos de treinamento (participação ou desempenho). Sobre os conhecimentos do treinador, o conhecimento profissional está diretamente relacionado com o conhecimento específico da modalidade, o conhecimento interpessoal com a forma que ele interage com os atletas e o intrapessoal com a maneira que o treinador reflete sobre a própria prática (CÔTÉ *et al.*, 2007). Ainda segundo os autores, os resultados dos atletas que o treinador eficiente pretende alcançar são: a competência, que está relacionada com as habilidades técnico-táticas da modalidade; a confiança, que são os sentimentos internos dos atletas, como a autoestima; a conexão, que são as relações sociais dentro e fora do Esporte e o caráter, que é o respeito com

os outros, a moralidade, a integridade e a responsabilidade. Sobre os contextos de treinamento, o contexto de participação está relacionado com aulas menos intensas, sem foco no rendimento para competição, objetivos e metas de curto prazo, diversão e saúde. Já o contexto de desempenho envolve um treinamento mais intensivo, como foco no desempenho com objetivo de obter os melhores resultados em competição. Côté *et al.* (2007), em seu trabalho ainda dividiram os contextos de atuação do treinador em duas categorias cada, acrescentando as especificidades das faixas etárias nos contextos de atuação. São eles: contexto de participação para crianças e para adolescentes/adultos; e contexto de desempenho para pré-adolescentes e para adolescentes/adultos. Por fim, Côté e Gilbert (2009) definem que um treinador eficiente é aquele que consegue aplicar de forma consistente os conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoais para melhorar os resultados em competência, confiança, conexão e caráter em um contexto de treinamento específico.

Levar em consideração o contexto é determinante para a atuação do treinador, uma vez que cada contexto terá suas demandas e especificidades. Por exemplo, com relação a competência dos alunos num contexto de participação com adolescentes o treinador deve adotar uma abordagem inclusiva em relação ao desempenho dos alunos, sem excluir os que tem mais dificuldades. Já se mudarmos para o contexto de desempenho com um grupo de adolescentes que buscam rendimento na mesma categoria de competência, o treinador deve ensinar e avaliar as habilidades físicas e técnicas de seus alunos, já pensando no desempenho competitivo. Portanto, as demandas das competências do treinador são totalmente dependentes e relacionadas ao contexto de sua atuação.

No judô paralímpico o desafio é ainda maior para o treinador uma vez que além de todas essas competências ainda existem as especificidades da deficiência. Para ensinar alunos com deficiência, faz-se necessário que o treinador esteja aberto e preparado para fazer adaptações em suas aulas e em suas estratégias de ensino (ANTUNES *et al.*, 2017). Ainda segundo os autores as lutas para pessoas com deficiência geram novas possibilidades e desafios em sua relação a educação, saúde e dentro da sociedade a qual está inserida. A adequação dos conteúdos, regras, métodos de ensino, materiais assim como a formação ampla e adequada dos profissionais na perspectiva da iniciação esportiva são fundamentais para a atuação com este público (ANTUNES *et al.*, 2017). Para Breda *et al.* (2010), o treinador desempenha o papel fundamental de mediador no processo de ensino e aprendizagem, levando em conta sua vivência nas lutas, atentando-se às potencialidades e aspectos educacionais que levam à reflexão dos alunos em suas práticas e atitudes. Harnisch, Ortega e Almeida (2016) afirmam que ensinar

lutas para pessoas com deficiência é um grande desafio aos treinadores e profissionais envolvidos, dada a importância de se desenvolver novas estratégias que tragam resultados e possibilidades de intervenção na Educação Física e em seus âmbitos mais distintos como, por exemplo, na iniciação, no lazer, no alto rendimento ou na reabilitação.

Um aluno com deficiência desperta no treinador a inquietação para definir qual a melhor maneira de ensiná-lo. A partir de uma dificuldade ou diferença em relação aos alunos convencionais, surge um novo método (GOMES, 2008, p.79).

Gomes (2008), cita que os treinadores devem adaptar seus métodos de ensino, utilizando diferentes canais de comunicação, gerando situações que façam os alunos incorporarem a lógica da luta. Harnisch *et al.* (2016), menciona também a necessidade de utilização de uma linguagem acessível para auxiliar os alunos em cada etapa de ensino. Oliveira Filho e Almeida (2005), classificaram os estímulos sensoriais para o ensino para deficientes visuais da seguinte forma:

Quadro 1. **Mecanismos de informação**

ESTIMULO		TIPOS
Auditivos	Verbal - Explicativo	Sinalética - sonoro não verbal
Táteis	Direto – Demonstrativo cinestésico	Indireta – A partir das informações recolhidas do meio (local; materiais; implementos, entre outros)
Proprioceptivos	Proprioceptivas (percepção corporal, equilíbrio, postura, entre outros)	

Fonte: Adaptado de Oliveira Filho e Almeida (2005)

As informações auditivas verbais são aquelas informações provenientes de explicações através de palavras. As informações auditivas sinaléticas são aquelas informações produzidas por sons podendo até ser vocais, porém, sem utilizar palavras, como, por exemplo, o som de um apito, de bola com guizo, a utilizando palmas ou até mesmo fazendo sons com a boca para orientar o aluno para realizar alguma ação ou se localizar espacialmente no tatame indicando a direção em que deve ir.

As informações táteis diretas são aquelas que manipulam o movimento do aluno e podem ser através de uma ação do aluno sobre o movimento do treinador ou do treinador sobre o movimento do aluno. As informações táteis indiretas estão presentes no ambiente servindo de

orientação para o aluno, por exemplo tatame com marcações em texturas diferentes, a utilização de materiais como fitas para delimitando o espaço de combate para auxiliar a orientação espacial, entre outros.

As informações proprioceptivas fazem referência a percepção do corpo no espaço, englobando aspectos como equilíbrio em geral, postura, percepção corporal, entre outros. Em pessoas com deficiência visual a propriocepção é prejudicada pelo fato da ausência da visão o que dificulta a percepção corporal e conseqüentemente a aprendizagem. O desenvolvimento do mecanismo de informação proprioceptiva é fundamental para facilitar o processo de aprendizagem do aluno com deficiência visual.

Além de compreender os mecanismos de informação juntamente com os aspectos específicos da deficiência visual, da modalidade, individualidade e objetivo dos alunos, Harnisch, Ortega e Almeida (2016), alertam que também é fundamental ter uma visão voltada às potencialidades da pessoa com deficiência, uma vez que, dessa maneira, pode-se adequar os métodos de ensino e planejamento para que o aluno consiga aprender e se desenvolver de forma prazerosa e saudável.

Por fim, atualmente, apesar da ciência relacionada ao treinamento esportivo, e abordagens de ensino e prática pedagógica terem evoluído muito nos últimos anos, pouco desse conhecimento chega às lutas e menos ainda às lutas adaptadas. Segundo Antunes (2017) faz-se necessário avanços em estudos sobre essa temática, uma vez que a produção acadêmica ainda não conseguiu suprir as novas demandas e possibilidades do uso das lutas.

3. MÉTODO

Esta pesquisa tem caráter quantitativo do tipo descritivo, o método utilizado nessa pesquisa foi o survey que segundo Tomas, Nelson e Silverman (2012) é um método que busca determinar práticas ou opiniões de uma população especificada.

3.1 Instrumento

Para esta pesquisa, não foi encontrado nenhum instrumento validado que pudesse ser utilizado para o judô (ou qualquer modalidade de combate) e população (treinadores de deficientes visuais), portanto foi necessário criar um instrumento que pudesse atender a esse grupo em sua especificidade. Para tanto, foi utilizado o auxílio de 4 professores com especialidade nas áreas de judô, pedagogia do Esporte, atuação profissional e Esporte adaptado, para possibilitar a formulação de um questionário que contemplasse as necessidades presentes para realização deste estudo, trazendo informações relevantes e necessárias. Para Thomas, Nelson e Silverman (2012), o questionário é utilizado para que os pesquisadores possam obter informações com as respostas dos sujeitos às questões, ao invés de observar apenas seu comportamento. Apesar dos dados adquiridos poderem ser o que os indivíduos dizem fazer e acreditar, há informações que apenas podem ser obtidas dessa maneira. Com isso, o questionário deve ser preparado cuidadosamente, buscando assegurar resultados válidos.

Após analisarmos as possibilidades de questionários e o contexto da coleta de dados (ambiente de competição com vários técnicos de diferentes línguas e países), optamos pela utilização de um questionário estruturado com escala do tipo Likert de 5 pontos, com extremos 1 (não corresponde nada à minha prática) e o 5 (corresponde extremamente à minha prática) (anexo V), para podermos compreender melhor quais as estratégias de ensino utilizadas por esses treinadores de referência nesse ambiente pouco propício para coleta de dados. Segundo Tomas, Nelson e Silverman (2012), itens em escala requerem que os participantes indiquem seu grau de concordância ou discordância com alguma afirmação ou a frequência relativa de algum comportamento.

O questionário foi dividido em duas partes, sendo a primeira demográfica, com questões que caracterizaram os treinadores (sexo, idade, país que representa, formação acadêmica, tempo de experiência no judô convencional, no paralímpico e em outros esportes adaptados) juntamente com os materiais que utilizam em suas aulas, já a segunda utilizamos a escala likert com questões classificadas em duas categorias referentes a atuação profissional no judô paralímpico: tradicional e inovadora com seis perguntas cada. As perguntas da categoria tradicional foram relacionadas com o estágio atuação profissional iniciante/competente

(TRUDEL; GILBERT; RODRIGUE, 2016), relacionados ao ensino tradicional do judô (DRIGO *et al.*, (2011): 1- Suas aulas são sempre ministradas no *dojo*? 2- Você considera importante manter a tradição do ensino do judô para os alunos com deficiência visual? 3- Você considera importante manter o modelo tradicional de aula de judô para alunos com deficiência visual? 4- Você considera importante manter a aula o mais próximo possível das aulas ministradas no Japão pelo Jigoro Kano? 5- Para ensinar alunos com deficiência visual você utiliza mais a repetição de técnicas do que o *randori* (luta de Judô)? 6- Você utiliza as mesmas estratégias de ensino em suas aulas para alunos videntes e deficientes visuais? Já a categoria inovadora está diretamente relacionada com os estágios de atuação profissional supercompetente/inovador (TRUDEL; GILBERT; RODRIGUE, 2016) das lutas e foi formada pelas seguintes questões: 1- Você considera importante a utilização de materiais como: bolas, cordas, arcos, panos, bexigas, pregadores, para o ensino do judô para deficientes visuais? 2- Você utiliza o tato em suas aulas para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual? 3- Você utiliza a comunicação verbal em suas aulas para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual? 4- Você considera importante sempre buscar novas estratégias de ensino? 5- Você utiliza jogos para auxiliar no ensino do judô para alunos com deficiência visual? 6- Você utiliza outras atividades além do ensino técnico e tático do judô para auxiliar a aprendizagem de seus alunos com deficiência visual?

O questionário foi traduzido do português para o inglês, espanhol e francês por três especialistas em cada língua. Também foram desenvolvidas versões online na plataforma Google Docs e em papel para maior comodidade e praticidade, facilitando ao máximo a participação dos treinadores durante as competições.

Segundo Tomas, Nelson e Silverman (2012) é recomendável para qualquer tipo de pesquisa, realizar um estudo-piloto e isso se torna essencial quando se pensa em um survey. Portanto, realizamos um estudo-piloto com objetivo de ajustar o questionário detectando qualquer tipo de erro ou questões confusas que poderiam dar margem a uma dupla interpretação dos treinadores. Este estudo foi realizado com dois treinadores de judô, residentes no Estado de São Paulo e a partir desse estudo foram realizados os seguintes ajustes: 1. Na questão dos materiais optou-se por colocar alguns que comumente são utilizados como exemplo e deixar um espaço para o treinador citar outros que utiliza caso não esteja na lista. 2. Reformulou-se algumas questões, tirando termos que davam margem para dupla interpretação. 3. Optou-se pela utilização do termo treinador ao invés de professor e *sensei*, uma vez que treinador é o padrão utilizado internacionalmente para se referir a essa categoria. 4. Acrescentou-se o tempo de

experiência como treinador no judô convencional. Os dados obtidos a partir desse estudo piloto não foram publicados.

3.2 Considerações Éticas

Esta pesquisa foi elaborada seguindo as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e suas complementares recebendo a aprovação ética pela plataforma Brasil sob o número 1.900.623 (resolução CEP nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisa com seres humanos) (anexo IV); do Comitê Paralímpico Internacional - IPC (anexo II) e da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais - CBDV (anexo III) para sua realização. Todos os participantes dessa pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo I), tendo a liberdade de deixar de fazer parte desse estudo em qualquer fase e sem nenhum tipo de dano ou prejuízo.

1.3 Procedimento para coleta de dados

Primeiramente foi realizado contato com o Comitê Paralímpico Internacional – IPC e com a Internacional Blind Sports Federation – IBSA via Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Visuais – CBDV, entidades responsáveis pelos Jogos Parapan Americanos de Jovens 2017, American Judo Championships IBSA 2017 e Gran Prix Internacional de Judô Paralímpico 2017, todas estas realizadas em São Paulo.

Após aprovação ética e autorização para a realização desta pesquisa, os pesquisadores compareceram nas competições onde fizeram contato com as comissões técnicas das delegações presentes. O critério de inclusão utilizado foi: fazer parte da delegação de seu país como treinador de judô paralímpico titular ou auxiliar. O critério de exclusão foi direcionado para os treinadores que não trabalham diretamente com iniciação esportiva no judô paralímpico. Os questionários foram aplicados durante a fase de treinamento e durante os intervalos das competições. 16 treinadores preencheram o questionário via papel enquanto 4 preencheram via google docs através de um smartphone. Durante as aplicações dos questionários estava presente um tradutor de cada língua para explicar do que se tratava e sanar qualquer dúvida que pudesse aparecer. Todos os treinadores, nos três eventos, se mostraram muito interessados no estudo e fizeram questão de participar, o que nos possibilitou aplicar o questionário em 100% dos treinadores participantes e nas três competições.

3.4 Caracterização da amostra

A amostra deste estudo foi formada por 20 treinadores de judô paralímpico, sendo 19 (95%) homens e 1 (5%) mulher representantes das delegações de seus respectivos países (Brasil, Argentina, Chile, México, Honduras, Colômbia, Estados Unidos, Canada, Porto Rico,

Grã-Bretanha e França) presentes nas competições internacionais: Jogos Parapan Americanos de Jovens 2017, American Championships IBSA 2017 e Gran Prix Internacional de Judô Paralímpico.

Quadro 2. Países e treinadores presentes no estudo.

PAÍS	Nº DE TREINADORES
Brasil	7 (35%)
Argentina	2 (10%)
Chile	1 (5%)
México	1 (5%)
Honduras	1 (5%)
Colômbia	1 (5%)
Estados Unidos	2 (10%)
Canada	1 (5%)
Porto Rico	1 (5%)
Grã-Bretanha	1 (5%)
França	2 (10%)

Fonte: dados deste estudo

As três competições foram realizadas no Brasil na cidade de São Paulo, o que justifica maior participação de treinadores brasileiros. A idade média dos treinadores foi de $45,1 \pm 8,95$ anos com $19 \pm 7,65$ anos de experiência como treinador de judô, $10,7 \pm 9,91$ anos como treinador no judô paralímpico. Na área do Esporte adaptado todos relataram ter experiência somente com o judô. Todos os treinadores também apresentaram curso superior e, em sua maioria, na área da Educação Física. Para ilustrar melhor a formação acadêmica dos treinadores, segue tabela de apoio.

Quadro 3. Formação acadêmica dos treinadores

FORMAÇÃO ACADÊMICA	TREINADORES
Educação Física ou similar	14 (70%)

Psicólogo Esportivo	2 (10%)
Artes	2 (10%)
Topografo	1 (5%)
Sistemas de informação	1 (5%)

Fonte: dados deste estudo

3.5 Análise de dados

Os dados foram transcritos para o programa SPSS, partir da escala likert, foram montados dois quadros com moda e mediana das respostas de todos os treinadores na categoria tradicional e inovadora. Foi realizado uma análise estatística com os testes não paramétrico Mann-Whitney e Wilcoxon (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). As variáveis analisadas foram: 1- Formação acadêmica e as respostas da tabela likert; 2-Tempo de experiência como treinador de judô e as respostas da tabela likert; 3- Tempo de experiência como treinador no judô paralímpico e as respostas da tabela likert; 4- Entre as respostas da categoria tradicional e inovadora. Também realizamos um levantamento dos diferentes materiais utilizados na atuação profissional dos treinadores com alunos com deficiência visual assim como a frequência de utilização destes materiais em suas aulas.

4. RESULTADOS

Quadro 4. Respostas das questões da categoria inovadora

Tabela categoria inovadora

	1- Nada	2- Muito pouco	3- Mais ou menos	4- Bastante	5- Extremamente	Mediana	Moda
1	0(0%)	1(5%)	8(40%)	4(20%)	7(35%)	4,00	3
2	0(0%)	0(0%)	2(10%)	3(15%)	15(75%)	5,00	5
3	1(5%)	0(0%)	1(5%)	3(15%)	15(75%)	5,00	5
4	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(10%)	18(90%)	5,00	5
5	1(5%)	3(15%)	6(30%)	2(10%)	8(40%)	3,50	5
6	0(0%)	2(10%)	3(15%)	5(25%)	10(50%)	4,50	5

Fonte: dados deste estudo

Quadro 5. Respostas das questões da categoria tradicional

Tabela categoria tradicional

	1- Nada	2- Muito pouco	3- Mais ou menos	4- Bastante	5- Extremamente	Mediana	Moda
1	1(5%)	2(10%)	1(5%)	9(45%)	7(35%)	4,00	4
2	0(0%)	0(0%)	3(15%)	2(10%)	15(75%)	5,00	5
3	0(0%)	2(10%)	4(20%)	5(25%)	9(45%)	4,00	5
4	1(5%)	4(20%)	5(25%)	3(15%)	7(35%)	3,50	5
5	6(30%)	2(10%)	5(25%)	3(15%)	4(20%)	3,00	1
6	5(25%)	5(25%)	4(20%)	3(15%)	3(15%)	2,50	1

Fonte: dados deste estudo

A partir do teste de Mann-Whitney não foi encontrada significância ($p > 0.05$) em relação à 1- Formação acadêmica e as respostas; 2- Tempo de experiência como treinador de judô e as respostas; 3- Tempo de experiência como treinador no judô paralímpico e as respostas. Já no teste de Wilcoxon encontramos diferença significativa ($p < 0.05$) entre as respostas das duas categorias (tradicional e inovador). Portanto, os resultados da escala likert demonstram que todos os treinadores participantes mesclam em sua atuação profissional, aspectos relacionados à ambas as categorias, com diferença significativa entre elas dando maior ênfase na categoria inovadora, como podemos observar a partir da moda e mediana. As questões com o maior

percentual (75%+) de número 5 (extremamente) na escala likert, entre os treinadores foram: 2- Você utiliza o tato em suas aulas para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual? 3- Você utiliza a comunicação verbal em suas aulas para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual? 4- Você considera importante sempre buscar novas estratégias de ensino? As três da categoria inovadora. Já da categoria tradicional tivemos apenas uma: 2- Você considera importante manter a tradição do ensino do Judô para os alunos com deficiência visual?

Houve grande variedade de materiais utilizados durante as aulas dos treinadores, sendo os mais citados: cordas (25%), bolas (23,3%) e panos (11,6%). Também houveram alguns materiais que não estavam predeterminados no questionário e foram citados pelos treinadores na opção “outros” são eles: halteres, cordas elásticas, cones, meias, mascaras e faixas. Abaixo quadro com a relação dos materiais utilizados nas aulas de judô paralímpico.

Quadro 6. Materiais mais utilizados pelos treinadores em suas aulas

MATERIAIS MAIS UTILIZADOS	
Cordas	25%
Bolas	23,3%
Panos	11,6%
Balões	10%
Arcos	10%
Pregadores	6,6%
Cordas elásticas (outros)	5%
Halteres (outros)	1,6%
Cones (outros)	1,6%
Faixas (outros)	1,6%
Meias (outros)	1,6%
Mascaras (outros)	1,6%

Fonte: dados deste estudo

Com relação a frequência de utilização dos materiais citados acima nas aulas de judô paralímpico 55% dos treinadores (11) apontaram utilizá-los semanalmente, 30% (6) mensalmente, 10% (2) ocasionalmente e apenas 5 % (1) alegou não utilizar materiais para auxiliar no ensino do judô paralímpico.

5. DISCUSSÃO

Formação Acadêmica e métodos de ensino

Todos os treinadores apresentaram curso superior sendo em sua maioria na área da Educação Física (70% - 14), porém, não houve diferença significativa na atuação profissional ao compararmos as respostas dos treinadores com e sem formação na área da Educação Física ($p > 0.05$). Esse resultado está em acordo com o trabalho de Gomes *et al.* (2013), que analisaram a influência do curso de Educação Física na prática profissional de treinadores de judô. Para isso utilizaram como amostra 12 treinadores de judô sendo 7 formados em Educação Física e 5 não, como método utilizaram entrevistas com análise de conteúdo. O resultado mostrou que a atuação profissional entre os dois grupos não apresenta diferenças significativas. Porém, no trabalho os autores afirmam que as aulas são predominantemente desenvolvidas através do método tradicional, ou seja, com o conhecimento adquirido na vivência do treinador na modalidade como aluno e a graduação em Educação Física pouco influenciou nas estratégias de ensino utilizadas. Já em nossa pesquisa, o questionário demonstrou que os treinadores mesclam aspectos tradicionais e inovadores em sua atuação profissional, inclusive com maior ênfase nos inovadores. Acreditamos que isso se aconteça devido a especificidade que o Esporte paralímpico e seus personagens trazem, levando em consideração que uma abordagem tradicional para alunos com deficiência possa ser, muitas vezes, inviável ou ineficaz. Esse contexto induz os treinadores que atuam nesta área à buscarem novas alternativas de ensino para que consigam transmitir os conteúdos de sua modalidade de forma mais eficiente e adequada as demandas e necessidades dos alunos.

Drigo *et al.* (2011) em seu estudo fazem um levantamento documental sobre as políticas de formação profissional de quatro entidades que regem o judô no Brasil: a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), Federação Paulista de Judô (FPJ), Liga Paulista de Judô (LPJ) e a Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (FJERJ). Em seu estudo não encontrou documentos dessas entidades referente a cursos de formação de técnico esportivo de judô e suas variações como instrutor, monitor, auxiliar técnico e treinador, mas sim, documentos referentes a formação como faixa preta, com cursos direcionados a parte técnica específica da modalidade. Nesta pesquisa Drigo *et al.* (2011), concluíram que essas entidades que regem o judô ser faixa preta é o pré-requisito para atuar como técnico esportivo, e sua formação como tal está estritamente relacionada aos aspectos técnicos específicos da modalidade. O autor ainda faz uma comparação entre a estrutura do judô com as antigas escolas de ofício, em que existe um “mestre” que detém o conhecimento, os aprendizes aprendem fazendo através da reprodução

desse conhecimento e as atividades práticas apresentam o mesmo grau de importância de estudos formais. Trudel, Gilbert e Rodrigue (2016), classificam esse treinador que baseia sua prática profissional na maneira que lhe ensinaram dentro da modalidade como competente. O principal problema desse tipo de formação e atuação profissional é o senso comum que muitas vezes vem intrínseco a elas, carecendo de conteúdo cientificamente embasado.

Por outro lado, acreditamos que o conteúdo aprendido no curso de Educação Física por si só não é suficiente para formar nem treinadores judô nem treinadores de judô paralímpico, por não abordar essas temáticas em sua especificidade. Por outro lado, a experiência somente na modalidade também não é suficiente, carecendo de conteúdos científicos sobre pedagogia do Esporte, treinamento, crescimento e desenvolvimento, entre outros. Apesar dos conteúdos científicos serem trabalhados nos cursos de Educação Física, não há uma ponte entre eles e a especificidade da modalidade, desta forma, muitas vezes o treinador em sua atuação recorre principalmente a prática ligada à sua formação dentro da modalidade.

Estudando a maneira que os cursos de formação profissional para treinadores normalmente são realizados, Gilbert, Gallamore e Trudel (2009), após a análise de mais de 200 trabalhos realizados em quatro décadas, afirmam que abordagens de formação de treinadores tradicionais como clínicas são eficazes para a retenção de conhecimento num curto prazo, sendo indicada para pontuação num teste padronizado por exemplo. Por outro lado, uma abordagem baseada na resolução de problemas poderia ser o mais indicado para aplicação do conhecimento em situações reais e complexas, além de proporcionar uma retenção de conhecimento de médio e longo prazo (GILBERT; GALLAMORE; TRUDEL, 2009). A partir deste cenário e levando em consideração o trabalho dos autores Trudel, Gilbert e Rodrigue (2016), que afirmam que o treinador evolui para uma prática inovadora principalmente através da reflexão e da interação com outros profissionais e instituições, uma alternativa para esta necessidade seria se as federações e confederações responsáveis pelo judô paralímpico, em parceria com as universidades, oferecessem cursos de extensão e atualização para esses treinadores. Criando assim, uma aproximação entre os conteúdos científicos advindos do curso de Educação Física com a vivência e especificidade do judô paralímpico, numa abordagem baseada na resolução de problemas, oferecendo embasamento para os treinadores lidarem com as demandas e situações do dia a dia.

A pergunta com relação a importância de buscar novas estratégias de ensino, obteve classificação 5 (extremamente), na escala likert, de 90% (18) dos treinadores o que mostra a preocupação e consciência desses treinadores, que são referência em seus países, sobre a

necessidade e importância de buscar novos métodos e estratégias para possibilitar um ensino cada vez mais adequado. Este resultado vai de encontro à pesquisa realizada por Harnisch *et al.* (2016), na qual aplicaram questionários abordando o ensino do judô paralímpico, em 11 treinadores brasileiros da modalidade, todos formados em Educação Física. Dentre os resultados questionários, a maioria dos treinadores participantes da pesquisa, não mostrou preocupação em buscar novos meios e estratégias para ensinar o judô paralímpico de forma mais adequada. Segundo Trudel, Gilbert e Rodrigue (2016), refletir sobre sua atuação profissional, deixando de lado sua zona e conforto, arriscando e inovando na busca novas estratégias de ensino, são atitudes adotadas por treinadores a caminho do estágio inovador. Os resultados destas duas pesquisas mostram a diferença de perspectiva sobre o ensino da modalidade, por treinadores de referência de diferentes países em relação à treinadores regulares de vários estados do Brasil. Resultados que também indicam, a partir do trabalho de Trudel, Gilbert e Rodrigue (2016) a progressão destes treinadores nos estágios de atuação profissional, partindo de competente até supercompetente e por fim inovador.

O teste estatístico de Wilcoxon demonstrou que apesar dos treinadores participantes mesclam em sua atuação profissional, aspectos relacionados à categoria tradicional e inovadora, houve uma diferença significativa entre elas com maior ênfase na categoria inovadora. Ferreira, Galatti e Paes (2005), compreendem que as pessoas aprendem de forma diferenciada e, portanto, consideram equivocada a utilização de apenas um método ou abordagem de ensino, uma vez que também não existe, um método que por si só consiga abranger todas as possibilidades que existem em uma modalidade. Os autores sugerem que os treinadores conheçam vários métodos e compreendam seus princípios para que a partir daí possam desenvolver novas abordagens de ensino de acordo com as necessidades e objetivos do grupo que estiver trabalhando, levando em consideração a faixa etária juntamente com as questões táticas, técnicas e físicas da modalidade, assim como, as questões cognitivas afetivas e sociais dos alunos. Segundo Oliveira Filho e Almeida (2005) o processo de ensino e aprendizagem para pessoas com deficiência visual devem ser direcionados por meios ricos em estímulos, que sejam capazes de proporcionar o desenvolvimento dos estágios e níveis de aprendizagem, assim, diminuindo o déficit motor causado pela ausência ou baixa estimulação da visão, proporcionando um ambiente esportivo para que o aluno possa desenvolver todas as suas potencialidades, independentemente de ser no alto rendimento ou no lazer. Portanto, no caso do judô paralímpico, além de pensar em novas estratégias de ensino que contemplem a especificidade desse público e modalidade, também há a necessidade de o treinador conhecer

os aspectos relacionados a deficiência, assim como, os prejuízos motores, afetivos, psicológicos e sociais que podem vir acarretados a ela.

Estratégias de ensino para o Judô Paralímpico

As perguntas sobre a utilização do tato e da comunicação verbal para auxiliar nas aulas para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual obtiveram classificação 5 (extremamente) na escala likert de 75% (15) dos treinadores. Essas estratégias também estão presentes no judô convencional, porém, no caso do judô paralímpico ambas tomam um novo patamar devido à ausência do caráter demonstrativo relacionado diretamente com a visão.

Harnisch *et al.* (2016), em sua pesquisa com treinadores de judô paralímpico, também mapeou as estratégias de ensino utilizadas por eles. Os resultados demonstraram que a maioria dos treinadores utilizam a comunicação verbal e o tato para auxiliar no ensino dos alunos deficientes visuais, o que corrobora com nosso trabalho. Porém houveram alguns treinadores que apontaram utilizar somente o tato como estratégia de ensino. Compreendendo que no processo de ensino do judô para deficientes visuais o treinador não conseguirá transmitir todo o conteúdo apenas pelos meios tradicionalmente utilizados, como por exemplo, a demonstração do movimento, surgindo a necessidade de buscar novos meios, materiais e estratégias para auxiliar nesse processo de ensino e aprendizagem. Para Oliveira Filho e Almeida (2005), o treinador ao ensinar alunos com deficiência visual deve utilizar estratégias de ensino baseadas em outros estímulos sensoriais que não os visuais. Porém utilizar apenas um estímulo sensorial, como os treinadores acima que afirmaram utilizar somente o tato pode ser prejudicial ao aluno. Segundo Harnisch *et al.* (2016), utilizar somente o tato como estímulo sensorial para o ensino, limita o desenvolvimento cognitivo e intelectual do aluno com deficiência visual, gerando uma lacuna referente a interpretação das informações verbais em consequência à falta de estímulos.

A utilização de ricos estímulos sensoriais é primordial para o ensino de alunos com deficiência visual, portanto devem ser explorados de forma que possibilite uma aprendizagem enriquecedora e emancipatória. Segundo Patrocínio *et al.* (2008), é fundamental para aprendizagem técnico e tático esportivo de pessoas com deficiência visual uma boa base de desenvolvimento sensorial que englobam aspectos táteis, proprioceptivos, auditivos, ações pedagógicas que sejam específicas da modalidade e uma boa capacidade de orientação e mobilidade de forma ampla, não se restringindo somente ao judô paralímpico no caso.

Oliveira Filho e Almeida (2005), citam em seu trabalho os estímulos táteis indiretos, que fazem referência as informações táteis que o aluno adquire no ambiente, dentre estas,

destacamos os materiais que podem ser utilizados para propiciar diferentes estímulos e experiências aos alunos. Os treinadores de nossa pesquisa afirmaram utilizar diversos materiais para auxiliar no ensino, em suas aulas de judô paralímpico. Foram citados os seguintes materiais: cordas (25%), bolas (23,3%), panos (11,6%), balões (10%), arcos (10%) e pregadores (6,6%). Em “outros” foram citados: cordas elásticas, halteres, cones, faixas, meias e mascaras. Apesar de terem participado treinadores de 11 países diferentes de todas as Américas e Europa, países estes com histórias, línguas e culturas diferentes, os materiais utilizados eram praticamente os mesmos, sem nenhuma adição de algum material regional ou culturalmente relacionado a algum desses países.

Segundo Patrocínio *et al.* (2008), a utilização de diferentes materiais, assim como, adaptações de regras e espaço não descaracteriza nem prejudica o ensino da modalidade, mas sim, contribuem de forma positiva para criação de novas possibilidades no ambiente, juntamente com os instrumentos disponíveis. Harnisch *et al.* (2016), citam que além da utilização de materiais, a adequação do espaço físico pode auxiliar nas aulas, como por exemplo tatame com cores fortes que se contrastem, para auxiliar os alunos com baixa visão, e ausência de pilares e quinas próximas ou no próprio tatame para facilitar o deslocamento dos alunos. Acreditamos que o uso de materiais proporciona diferentes experiências e vivências quando se pensa em uma pedagogia do Esporte voltada ao judô paralímpico. Como exemplo, pode-se utilizar colchões para perder o medo de cair e aprender as técnicas básicas de amortecimento; atividades com bolas no solo onde um dos atletas tenta pegá-la enquanto o outro precisa protegê-la; a utilização de cordas ou faixas para trabalhar atividades de oposição como cabo de guerra, ou para delimitar espaço de forma tátil para os atletas cegos onde podem trabalhar atividades de exclusão e domínio do espaço.

Estes exemplos de utilização materiais trabalham as inteligências em situações específicas de combate, com diferentes estímulos, de forma divertida e desafiadora, a partir de atividades embasadas nos fundamentos que fazem parte do judô paralímpico como oposição, criação de estratégias, resolução de problemas, diferentes movimentações em pé e no solo, entre outros aspectos essenciais para a iniciação esportiva no judô paralímpico.

A tradição no Judô Paralímpico

Neste estudo 75% (15) treinadores assinalaram sobre a importância de manter a tradição no judô paralímpico, o que mostra que os treinadores além de se preocuparem em adaptar e criar novas estratégias de ensino para alunos com deficiência visual, em sua maioria,

também se preocupam em não descaracterizar a modalidade, mantendo sua tradição com suas etiquetas, princípios e valores relacionados à cultura japonesa.

Gomes *et al.* (2013), citam que o judô segue os princípios rígidos da cultura japonesa, levando ao extremo aspectos como obediência e respeito. Acreditamos mesmo adotando as práticas e costumes relacionadas a cultura japonesa, que caso do judô, diz respeito a forma de se cumprimentar, a divisão hierárquica da aula, os termos e comandos utilizados em japonês, a maneira de entrar e sair do tatame, o ritual de saudação no início e final da aula, entre outros, é impossível “transferi-los” para outro contexto sem que haja perda de significado, pois, tais costumes possuem seus próprios significados dentro do contexto em que foram desenvolvidos. Concordamos com Baptista (2000) apud Gomes *et al.* (2013), que afirma que para aplicar o método de ensino do judô japonês no Brasil é necessário que haja modificações adaptadas a nossa cultura e sistema educacional, para que os alunos não se sintam reprimidos e saturados, podendo em muitos casos chegar a abandonar a modalidade.

Outra questão importante a ser considerada é que no final do século XIX quando Jigoro Kano criou o judô com suas técnicas, princípios, valores e etiqueta, assim como a sua pedagogia de ensino, não haviam as demandas e manifestações das lutas que encontramos hoje em nossa sociedade moderna, como por exemplo como prática esportiva voltada para a saúde, para idosos, para atletas de alto rendimento, para a escola, para crianças e também para pessoas com deficiência. Portanto, devido as diferentes demandas do contexto histórico da época, Jigoro Kano não levou em consideração as especificidades e necessidades de pessoas com deficiência visual na criação do judô, da mesma forma outras lutas em sua criação também não levaram como por exemplo o caratê, taekwon-do, sumô, entre outras. Sendo assim, para que esta população possa praticar e se desenvolver a partir das várias manifestações presentes no Esporte moderno, no caso o judô paralímpico, faz-se necessário adaptações, principalmente relacionadas aos meios de comunicação e estratégias de ensino.

Por fim, consideramos fundamental no judô paralímpico unir a tradição relacionada a criação da modalidade no Japão com a modernidade, contexto social, assim como, suas novas demandas e manifestações, possibilitando a criação de novas abordagens sem descaracterizar seus princípios e origem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados podemos observar que existe um padrão de atuação profissional que condiz com a maioria dos treinadores. Vamos aqui lista-los: 1. Utilizam diferentes materiais de forma frequente em suas aulas, proporcionando diferentes estímulos em seus alunos; 2. As principais estratégias de ensino que utilizam são as verbais e as táteis; 3. Formados em Educação Física, porém, sua formação pouco influenciou em sua atuação profissional; 4. Reconhecem a importância de sempre buscar novos meios e estratégias de ensino, mas também a importância de não descaracterizar a modalidade mantendo sua etiqueta, tradição e valores.

Partindo desses resultados, principalmente sobre a baixa influencia que a formação em Educação Física demonstrou na atuação profissional desses treinadores e utilizando como base o estudo de Trudel, Gilbert e Rodrigue (2016), sugere-se a criação de cursos de formação de treinadores que unam o conteúdo acadêmico (prevenção de lesões, crescimento e desenvolvimento, competição na infância, especialização precoce, pedagogia do ensino, especificidades sobre a deficiência, entre outros), o conteúdo específico da modalidade (técnicas específicas, sistematização e progressão dos conteúdos, etiqueta, tradição, entre outros) e a experiência de atuação profissional na modalidade (problemas e soluções encontradas que surgem no dia-a-dia, relação com pais e alunos, experiência como treinador em contextos, atuação com diferentes públicos e seus objetivos e necessidades, entre outros). Cursos estes que possam unir instituições que regem o Esporte com a universidade, capacitando tanto treinadores que possuem formação acadêmica na área quanto os que não possuem. Massificando este tipo de proposta através das federações ou confederações, formando profissionais cada vez mais bem preparados para atuarem em diferentes contextos e demandas.

Uma das limitações encontradas neste estudo foi o ambiente de competição que tornava inviável a utilização de instrumentos como entrevistas mais longas, o que poderia nos possibilitar um maior aprofundamento no estudo. Sugere-se, assim, a realização de novas pesquisas mais aprofundadas e detalhadas com diferentes métodos como, por exemplo, entrevistas que abordem as especificidades da deficiência visual e a implicação destas na atuação profissional do treinador de judô ou pesquisas de campo que acompanhem o dia a dia do treinador no judô paralímpico ou mesmo em outros esportes para deficientes visuais.

Por fim, esperamos que este estudo possa trazer uma nova perspectiva baseada nos treinadores de sucesso e que tem sido referência da modalidade, contribuindo com os futuros treinadores de judô paralímpico possibilitando novas perspectivas, abordagens e estratégias de ensino.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. M. et al. (Org). Lutas para as Pessoas com Deficiência: uma Possibilidade de Intervenção na Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v.21, n.02, p. 107-116, 2017.
- BAPTISTA, C. E. S. **Judô: da escola à competição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint; 2000.
- BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. Phorte Editora. São Paulo, 2010.
- CASTRO P. D. C. de; CARVALHO R. A. de; BARBOSA S. S. R.; ALVES M. V. P. Judô: caminho suave ou caminho da vitória? Arte marcial que se esportivizou ou esporte que se tornou arte marcial?. *In: Simpósio Internacional processo civilizador: Civilização e Contemporaneidade*, 12., 2009, Recife. **Anais do Simpósio Internacional processo civilizador: Civilização e Contemporaneidade**, 2009, p.12. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Pinto.pdf. Acesso em: 11 out. 2016.
- CERQUEIRA, Diego; GOMES, Mariana Simões Pimentel; ALMEIDA, José Júlio Gavião. **Judô**. *In: MELLO, Marco de Túlio; WINCKLER, Ciro. (Org.). Esporte Paralímpico*. São Paulo: Atheneu, 2012, Cap. 18, p. 161-168.
- CBDV Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais. Judô. Disponível em: <http://cbdv.org.br/pagina/judo>. Acesso em 09 out. 2016
- COB Comitê Olímpico Brasileiro. Esportes: Judô. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/Esportes/judo>. Acesso em 09 out. 2016.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, 2010.
- CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Winchester, UK, v. 4, n. 3, 2009.
- CÔTÉ, J.; YOUNG, B.; NORTH, J.; DUFFY, P. Towards a Definition of Excellence in Sport Coaching. **International Journal of Coaching Science**, Winchester, UK, v. 1, n. 1, p. 3-17, 2007.
- DRIGO, A. J.; SOUZA NETO, S.; CESANA, J.; TOJAL J. B. A. G. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô Brasileiro. **Motricidade**, Portugal, v. 7, n. 4, p. 49-62, 2011.
- DUARTE, E.; LIMA, S. M. T.; **Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais**. Experiências e intervenções pedagógicas. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan S.A. 2003.
- FERREIRA, Henrique Barcelos; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do Esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do**

- basquetebol. *In*: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO Hermes Ferreira. *Pedagogia do Esporte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, Cap. 8, p.123-136.
- GILBERT, W.; GALLIMORE, R.; TRUDEL, P. A Learning Community Approach to Coach Development in Youth Sport. **Journal of Coaching Education**, Virginia, v. 2, n. 2, dezembro de 2009.
- GOMES, F. R. F.; COUTINHO, F. C. M.; SUZUKI, F. S.; MASSA, M. Influência da formação em Educação Física em professores de Judô. **Science in Health**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 36-44, 2013.
- GOMES, M. S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas**: contextos e possibilidades. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- GOMES, M. S. P.; MORATO, M. P.; DUARTE, E.; ALMEIDA, J. J. G. Ensino das lutas: dos princípios condicionais os grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 207-227, 2010.
- HARNISCH, Gabriela Simone; ORTEGA, Enrique Miluzzi; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. **O Ensino e a Prática das Artes Marciais, Lutas e Esportes de Combate para Pessoas com Deficiência**: aprofundando o tema. *In*: ANTUNES, Marcelo Moreira; ALMEIDA, José Júlio Gavião de Almeida de (Org.). *Artes marciais, lutas e esportes de combate na perspectiva da Educação Física: reflexões e possibilidades*. Curitiba, PR. Editora CRV, 2016, Cap. 4, p.89-118.
- HARNISCH, G. S.; ALMEIDA, J. J. G.de; JALUSA, A. S.; BREDARIOL, B.; BORELLA, D. R.; STRAPASSON, A. M. O ensino do judô de forma inclusiva no Brasil. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, n. s1, p. 757-761, 2016. DOI: 10.1111/1471-3802.12213. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1471-3802.12213>. Acesso em 30 mai.2018.
- INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION – IBSA. **Definition of Visual Classes**. Disponível em: <http://www.ibsasport.org/classification/>. Acesso em 10 out. 2016.
- INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION – IBSA. **Judo Rules**. Disponível em: <http://www.ibsasport.org/sports/judo/rules/>. Acesso em 10 ago. 2018.
- KANO, J. *Kodokan Judo*. Tokyo: Kodansha International Ltd, 1986.
- KANO, J. **Energia mental e física**: escritos do fundador do judô. São Paulo: Pensamento, 2008.
- OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler; ALMEIDA, José Júlio Gavião. **Pedagogia do Esporte**: um enfoque para pessoas com deficiência visual. *In*: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO Hermes Ferreira. *Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, Cap.6, p. 91-110.
- PAES, R. R. *Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas*. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 20, suplemento 5, p.171, 2006.
- PATROCINIO, Regina Matsui; SILVEIRA, Carolina Reis da; GALATTI, Larissa Rafaela; ROCHA, Liana Garcia Ferreira; VENDETTI JUNIOR, Rubens. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. *In*: ALMEIDA, José Júlio Gavião de; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler de; MORATO, Marcio Pereira;

PATROCINIO, Regina Matsui; MUNSTER, Mey Abreu van. (Orgs.). Goalball invertendo o jogo da inclusão. Campinas, SP, Autores Associados, 2008, Cap. 4, p. 41-53.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na educação física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n. 3, p.117, 2011.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TRUDEL, P.; GILBERT, W.; RODRIGUE, F. The Journey from Competent to Innovator: using appreciative inquiry to enhance high performance coaching. **International Journal of Appreciative Inquiry**. Netherlands, v. 18, n. 2, p. 40-46, 2016.

WATSON, B. N. **Memórias de Jigoro Kano**: o início da história do judô. São Paulo, Cultrix, 2011.

Anexo I – Autorização International Paralympic Committee



Dr. Jose Julio Gaviao de Almeida
Institution Physical Education
State University of Campinas

Via e-mail: arlindo_baiao@hotmail.com

Bonn, 10 March 2017

Research Application Sao Paolo 2017 Youth Parapan American Games:

Dear dr. Gaviao,

The IPC Sports Science Committee (SSC) wants to thank you for your research application for the 2017 Youth Parapan American Games, entitled: "Pedagogical practice in high performance judo for people with visual impairment: A study with trainers of the American Countries".

The IPC Sports Science Committee supports the application and will hereby grants authorization for the above project to be conducted at the above event. Enclosed you find an agreement to be signed an returned to officialise the authorization.

The IPC hereby authorizes you access to the event with an accreditation for up to 3 members of your research team. May I ask you to provide me the names and contact details of your team members at earliest convenience.

Upon receipt of the agreement, my colleagues of IPC Hospitality and Event Management will be in touch with you regarding further detail on the accreditation processes.

On behalf of the IPC SSC I would like to thank you for your interest in Paralympic research, and wish you good luck with the further preparations of the project.

I look forward to hear from you on the agreement and any further question you might have.

International Paralympic Committee
Adenauerallee 212-214 Tel. +49 228 2097-290
53113 Bonn, Germany Fax +49 228 2097-209

www.paralympic.org
peter.vandevliet@paralympic.org



Kind regards

A handwritten signature in blue ink is positioned below the text 'Kind regards'. The signature is cursive and appears to read 'P. Van de Vliet'. It is written on a white background.

Dr. Peter Van de Vliet
Medical & Scientific Director
International Paralympic Committee

Anexo II – Autorização Confederação de Desportos de Deficientes Visuais



Autorização para Coleta de Dados

Eu, Carlos Felipe Ferreira Menescal Conde responsável pela instituição Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais - CBDV, com sede localizada na Rua do Orfanato, 760, Sala 72 – Vila Prudente – São Paulo/SP, declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado “A Prática Pedagógica no Judô de Alto Rendimento para Deficientes Visuais: Um Estudo com Treinadores das Américas”, sob responsabilidade do pesquisador Arlindo Antônio Baião Junior e aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Brasil, em conformidade com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

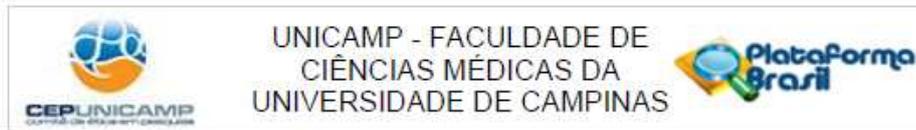
Carlos Felipe F.M. Conde

Assinatura e carimbo

Data: 02/08/2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS

Anexo III – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL

Pesquisador: Maria Luíza Tanure Alves

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 57736816.0.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

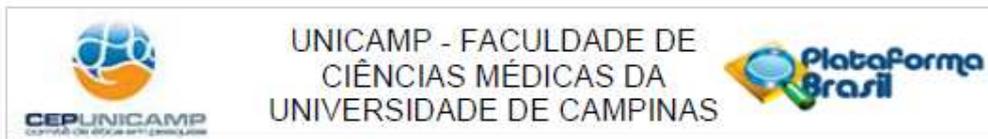
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.900.623

Apresentação do Projeto:

A prática do esporte pelas pessoas com deficiência, como ele é visto hoje, tem seu registros históricos desde o final do século XIX. No entanto, o esporte paraolímpico teve seu início principalmente no período após a Segunda Guerra mundial, sendo utilizado como instrumento de reabilitação de soldados lesionados. Neste contexto, o esporte se desenvolveu em dois polos principais: Estados Unidos e Inglaterra. No Brasil, o desenvolvimento do esporte adaptado foi influenciado pelas práticas adotadas nos Estados Unidos e Inglaterra. O esporte paraolímpico brasileiro teve início no ano de 1958 com a criação de dois clubes voltados para a prática esportiva por pessoas com deficiência: o clube do otimismo no Rio de Janeiro e o Clube dos Paraplégicos em São Paulo. No ano de 1994 houve a fundação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), responsável pelas competições, modalidades e atletas com deficiência brasileiros. Atualmente o esporte para a pessoa com deficiência é praticado com diferentes objetivos, como reabilitação, de alto rendimento, educacional, e recreacional. No entanto, apesar das políticas inclusivas, o esporte para a pessoa com deficiência no Brasil é praticado na maior parte dentro das instituições esportivas regionais e nacionais, organizadas de acordo com o tipo de deficiência da pessoa, ou ainda em instituições de reabilitação. Os programas de atividade física para pessoas com deficiência, nas suas diferentes faixas etárias,

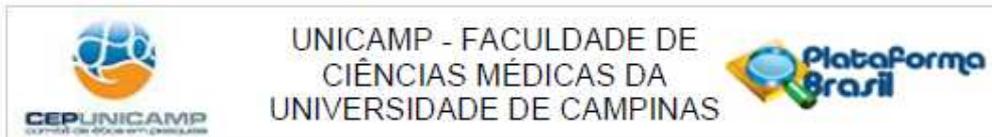
Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.900.623

ainda são escassos. Também se apresentam neste contexto diversos obstáculos que dificultam o envolvimento da pessoa com deficiência no contexto esportivo, como custo para deslocamento e envolvimento com a modalidade esportiva, apoio familiar, problemas de saúde associados, entre outros. Neste contexto, observa-se ainda que o ambiente escolar e, por consequência, as aulas de educação física, não tem proporcionado às crianças com deficiência o conhecimento e envolvimento com os esportes paraolímpicos. Esta realidade prejudica a iniciação esportiva das crianças com deficiência e o seu posterior envolvimento com a prática da atividade física, seja com objetivos de saúde, recreacionais, ou de rendimento. Pesquisas realizadas sobre o tema revelam que o ensino do esporte é descrito como o conteúdo de maior dificuldade para professores de Educação Física. Desta forma, é importante o mapeamento e caracterização do esporte paraolímpico brasileiro nas diferentes modalidades desenvolvidas, com apontamento de seus pontos fortes e pontos fracos tanto nos seus aspectos de iniciação esportiva como de alto rendimento. Metodologia Proposta: O estudo será realizado com aplicação de questionário e entrevistas a dois grupos de participantes principais: - crianças, adolescentes e adultos com deficiência, com envolvimento em programas de iniciação esportiva ou de alto rendimento paralímpico no Brasil (grupo 1); - adultos atuantes como técnicos e dirigentes esportivos de clubes, associações e instituições voltadas para o esporte paraolímpico (grupo 2). Os participantes do estudo de ambos os grupos serão selecionados durante a sua participação em eventos esportivos paraolímpicos oficiais, como campeonatos nacionais, mundiais, Jogos Paralímpicos Escolares, entre outros. O estudo será submetido à aprovação das instituições esportivas responsáveis pelos eventos esportivos que configurarão como local de coleta de dados, sendo realizado apenas com aprovação destas instituições. Coleta de Dados Para participação no estudo, o TCLE deverá ser assinado pelos pais ou responsáveis das crianças e adolescentes (TCLE - Grupo 1), bem como pelos técnicos e dirigentes (TCLE - Grupo 2). - Ao grupo 1 serão aplicados questionários e entrevistas. O questionário tem como objetivo identificar quais são os tipos de programas aos quais esta população tem acesso e modalidades praticadas; as entrevistas têm como objetivo avaliar os obstáculos presentes para a prática e envolvimento com o esporte paraolímpico de acordo como a percepção do próprio aluno/atleta com deficiência, bem como avaliar sua relação com o esporte paraolímpico (10 voluntários). - Ao grupo 2 será aplicada entrevista com objetivo de avaliar o desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro tanto em programas de iniciação esportiva como de alto rendimento, buscando dimensionar suas formas de desenvolvimento e identificação dos obstáculos presentes (20 voluntários). Estes instrumentos serão aplicados durante a participação dos mesmos em eventos esportivos oficiais, em local

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: oep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.900.623

reservado e de acordo com disponibilidade do participante. As gravações resultantes das entrevistas serão analisadas através do método de análise de conteúdo e através da técnica de análise categorial. Critério de Inclusão: Grupo 1: crianças e adolescentes com deficiência praticantes de modalidade de esporte paralímpico; Grupo 2: técnicos e dirigentes esportivos atuantes em instituições, federações e associações voltadas para o desenvolvimento do esporte paralímpico. Critério de Exclusão: Grupo 1: Crianças e adolescentes com deficiência com dificuldades de comunicação e linguagem; Grupo 2: Técnicos e dirigentes esportivos não mais atuantes em federações, associações e instituições esportivas voltadas para o desenvolvimento do esporte paralímpico.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Avaliação do esporte paralímpico brasileiro, com identificação de obstáculos e facilitadores para envolvimento do atleta com deficiência em programas de iniciação esportiva ou alto rendimento nas diversas modalidades paralímpicas.

Objetivo Secundário:

1. Caracterizar programas e locais de oferecimento de iniciação esportiva em diferentes modalidades paraolímpicas para crianças e adolescentes com deficiência;
2. Caracterizar programas e locais de oferecimento de treinamento para alto rendimento em diferentes modalidades paraolímpicas para adultos com deficiência;
3. Avaliar o desenvolvimento das diferentes modalidades paraolímpicas no Brasil;
4. Identificação dos obstáculos e facilitadores presentes para envolvimento e prática dos esportes paralímpicos.
5. Avaliar a relação da criança e adolescente com deficiência com o esporte paralímpico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os procedimentos adotados na pesquisa, entrevistas com gravação de voz e resposta a questionários não permitem a mensuração de risco previsíveis.

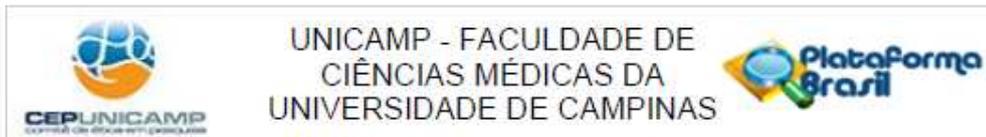
Todos os participantes terão sua identidade preservada e o sigilo de suas identidades será mantido.

As entrevistas e resposta ao questionário ocorrerão em local reservado e apropriado permitindo privacidade para o participante.

Benefícios:

Os participantes não tem um benefício direto na participação do estudo, porém seu envolvimento

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.900.623

permitirá o reconhecimento dos obstáculos ainda presentes para o desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As entrevistas são gravadas com gravador de voz e serão utilizadas apenas para este estudo. Após transcrição serão descartadas.

Título do projeto na folha de rosto - ok

Nome do pesquisador responsável na folha de rosto - ok

Nome da representante da unidade proponente (nome, função, carimbo) - ok

Pesquisa Científica da docente Prof. Dra. Maria Luiza Tanure Alves (Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, Faculdade de Educação Física - UNICAMP)

No campo 'cronograma' do documento gerado pela Plataforma Brasil, as entrevistas e coletas de dados estão previstas para os meses de agosto de 2016 a dezembro de 2017 - ok

No campo 'orçamento' do documento gerado pela Plataforma Brasil, o pesquisador relata um orçamento de 'R\$150,00'. Esse orçamento é compatível com o orçamento de um projeto de pesquisa financiado pelo próprio pesquisador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Linguagem acessível ao sujeito da pesquisa - ok

Justificativa, objetivos e descrição de procedimentos - ok

Liberdade na recusa ou retirada do consentimento - ok

Garantia de Sigilo - VIDE PENDÊNCIA

Menção sobre ressarcimento - ou não - de despesas - ok

Menção ao TCLE assinado em duas vias - ok

Menção ao CEP em caso de abusos ou reclamações de cunho ético - ok

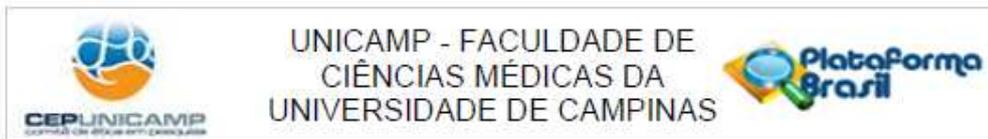
Nome e contato com o pesquisador da pesquisa - ok

folhaderostoEP.pdf: devidamente preenchida.

cartaresposta.pdf de 16/01/2017 : responde as pendências

DOCUMENTOS APROVADOS.: tclemaiiores.pdf 16/01/2017 , tcleresponsavel.pdf 16/01/2017 , ASSENTIMENTODOMENOR.pdf 16/01/2017

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fom.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.900.623

Recomendações:

Adequar o documento ASSENTIMENTODOMENOR.pdf : é via e não cópia do TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A seguir são comentadas as pendências do parecer anterior. Número do Parecer: 1.873.238 de 19 Dezembro de 2016.

1- PENDÊNCIA 4: No TCLE corrigir "Comitê de Ética em Pesquisa: Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas" por "Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP".
PENDÊNCIA ATENDIDA.

2- Convidar a criança para a pesquisa, de modo bem simples, explicando o que ela terá de fazer para participar. Ainda, que sua participação não é obrigatória.

RESPOSTA: O termo de assentimento foi simplificado atendendo recomendação.

Análise: Pendência atendida.

Conclusão: as pendências foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado com uma recomendação: Adequar o documento ASSENTIMENTODOMENOR.pdf : é via e não cópia do TCLE.

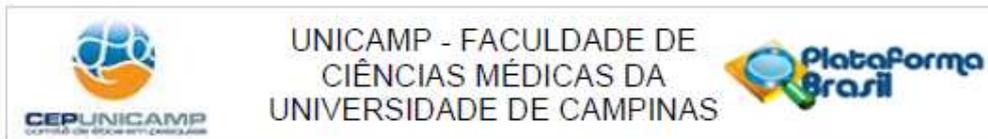
- O sujeito de pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.900.623

normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido e enviar notificação ao CEP junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

- Relatórios parciais e final, em formulário próprio do CEP, devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_744480.pdf	16/01/2017 21:58:46		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoEP.pdf	16/01/2017 21:58:23	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Outros	cartaresposta.pdf	16/01/2017 21:56:39	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclемаiores.pdf	16/01/2017 21:56:12	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleresponsavel.pdf	16/01/2017 21:55:57	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTODOMENOR.pdf	16/01/2017 21:55:45	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoesporteparalimpico.pdf	16/01/2017 21:54:36	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito

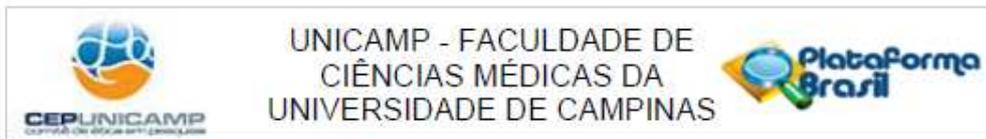
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 128
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cesp@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 1.900.623

CAMPINAS, 28 de Janeiro de 2017

Assinado por:
Maria Fernanda Ribeiro Bittar
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-867
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL

Pesquisador: Maria Luíza Tanure Alves

Área Temática:

Versão: 6

CAAE: 57736816.0.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.139.931

Apresentação do Projeto:

Solicitação de emenda dois (2) ao projeto original.

Justificativa da Emenda:

Houve a necessidade de adicionar o pesquisador Arlindo Antonio Baião Junior, que fará parte do projeto como pesquisador aluno de mestrado com bolsa do CNPQ.

Objetivo da Pesquisa:

Inalterado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O nome do novo pesquisador foi inserido na Equipe de Pesquisa do documento PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1283559_E2.pdf 08/01/2019.

Novo pesquisador: Arlindo Antonio Baião Junior, mestrando.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1283559_E2.pdf 08/01/2019 : com inserção na equipe de pesquisa do novo pesquisador.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fom.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.139.931

deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

-Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

-O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_128355_9_E2.pdf	08/01/2019 23:47:05		Aceito
Outros	repostaemenda.pdf	04/04/2017 08:46:41	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclemenores.pdf	04/04/2017 08:46:08	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale.pdf	04/04/2017 08:45:52	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoEP.pdf	16/01/2017 21:58:23	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclemaiores.pdf	16/01/2017 21:56:12	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoesporteparalimpico.pdf	16/01/2017 21:54:36	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: oep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.139.931

Recomendações:

Solicitamos ao pesquisador encaminhar relatório parcial de acompanhamento de pesquisa como solicitado no parecer de aprovação do projeto original "- Relatórios parciais e final, em formulário próprio do CEP, devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.". Enviar como notificação.

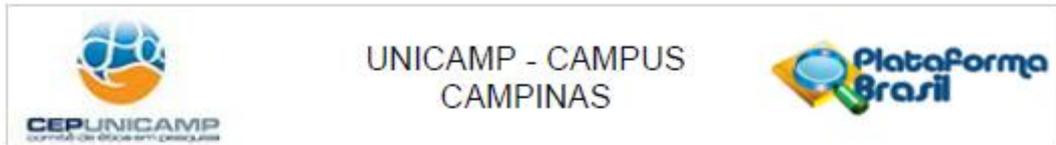
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o CEP –PRP – UNICAMP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 do CNS, manifesta-se pela aprovação da emenda proposta ao projeto de pesquisa. Situação: Emenda aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).
- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa.
- Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.139.931

CAMPINAS, 11 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
Maria Fernanda Ribeiro Bittar
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

Anexo IV – Questionário

Nome _____

E-mail: _____

País e cidade que atua como
treinador _____

Qual país esta representando
nessa competição? _____

Sexo:

Masculino ()

Feminino ()

Idade _____

Formação acadêmica _____

Já trabalhou com outro esporte adaptado? se sim, qual e por quanto
tempo? _____

Quanto tempo de experiência possui no Judô:

Como atleta _____

Como treinador _____

No Judô adaptado _____

Você utiliza em suas aulas materiais como:

Bolas ()

Cordas ()

Arcos ()

Panos ()

Balões ()

Pregadores de roupa ()

Outro: _____

Com que frequência? _____

Para as próximas questões pense em sua **atuação profissional na iniciação esportiva no judô paralímpico com crianças, jovens e adultos** e utilize a seguinte escala de concordância:

1- Nada

2- Muito pouco

- 3- Mais ou menos
 4- Bastante
 5- Extremamente

Suas aulas são sempre ministradas no *dojo*?

1() 2() 3() 4() 5()

Você considera importante a utilização de materiais como: bolas, cordas, arcos, panos, bexigas, pregadores, para o ensino do judô para deficientes visuais?

1() 2() 3() 4() 5()

Você considera importante manter a tradição do ensino do Judô para os alunos com deficiência visual?

1() 2() 3() 4() 5()

Você utiliza o tato em suas aulas para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual?

1() 2() 3() 4() 5()

Para ensinar alunos com deficiência visual você utiliza mais a repetição de técnicas do que o randori (luta de Judô)?

1() 2() 3() 4() 5()

Você utiliza a comunicação verbal em suas aulas para auxiliar no ensino de alunos com deficiência visual?

1() 2() 3() 4() 5()

Você considera importante manter o modelo tradicional de aula de Judô para alunos com deficiência visual?

1() 2() 3() 4() 5()

Você utiliza as mesmas estratégias de ensino em suas aulas para alunos videntes e deficientes visuais?

1() 2() 3() 4() 5()

Você considera importante manter a aula o mais próximo possível das aulas ministradas no Japão pelo Jigoro Kano?

1() 2() 3() 4() 5()

Você considera importante sempre buscar novas estratégias de ensino?

1() 2() 3() 4() 5()

Você utiliza jogos para auxiliar no ensino do judô para alunos com deficiência visual?

1() 2() 3() 4() 5()

Você utiliza outras atividades além do ensino técnico e tático do judô para auxiliar a aprendizagem de seus alunos com deficiência visual?

1() 2() 3() 4() 5()

Obrigada pela sua colaboração